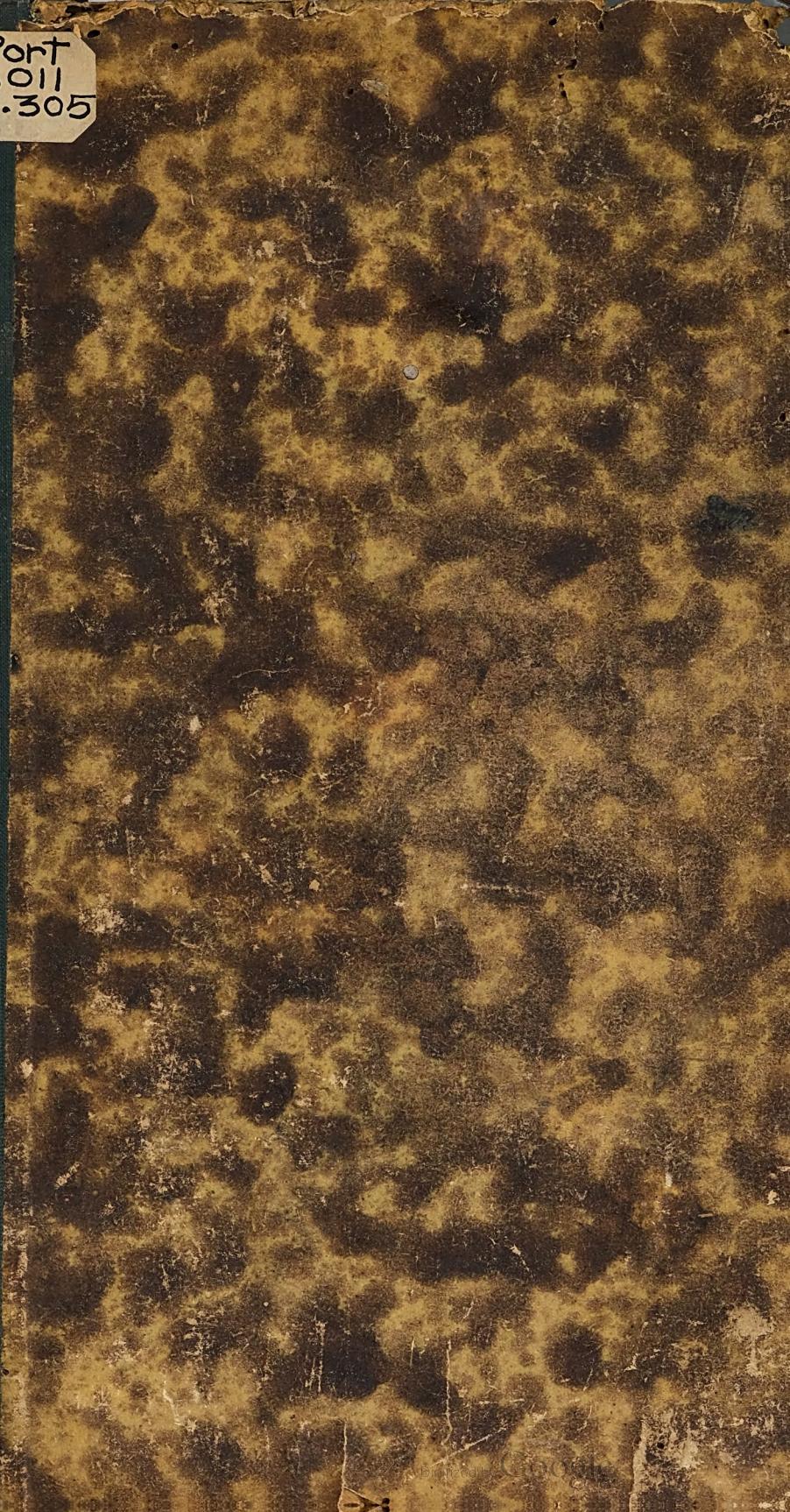


Port
6011
30.305





Empreza Editora de Marques Ribeiro & Comp.

O CRIME

DO

PADRE AMARO

DRAMA EM 1 PROLOGO, 4 ACTOS E EPILOGO

Extrahido por

AUG. FABREGAS

Do primoroso romance realista de EGÇA DE QUEIROZ

PROHIBIDO PELO CONSERVATORIO DRAMATICO



TYP. COSMOPOLITA

156 Rua Theophilo Ottoni 156

1884

RIO DE JANEIRO

Paul L. Clegg, Jr.

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR.

1 DEC 1924

PERSONAGENS

AMARO VIEIRA, parocho de Leiria.

CONEGO DIAS, seu ex-professor de Moral no Seminario.

JOÃO EDUARDO, escrevente do cartorio do tabellião Nunes Ferral.

PADRE NATARIO, esperto e intrigante, alcunhado « O Furão »

PADRE BRITO, o mais estupido e o mais colérico da diocese.

O LIBANINHO, o beato mais activo de Leiria.

ARTHUR COUCEIRO, habil cantor de modinhas sentimentaes.

O TIO ESGUELHAS, sineiro do Sé (coxo).

AUGUSTA CAMINHA, conhecida por « San Joanneira ».

AMELIA, filha da « San Joanneira ».

JOSEOPHA DIAS, a estação central das intrigas de Leiria: irman do Conego Dias.

MARIA DA ASSUMPÇÃO, viuva rica e com um catharro chronico.

JOAQUINA GANSOSO, beata de profissão.

A RUSSA, criada da « San Joanneira ». Não falla, porém tosse.

LEIRIA — ACTUALIDADE

O CRIME DO PADRE AMARO

PROLOGO

PRIMEIRO QUADRO

Em casa da S. Joanneira.—Sala de visitas decentemente mobiliada —Portas ao F. e latteraes.—A' D. quarto de Amaro, à E interior da casa.—Piano—Mesa grande quasi ao centro da sala.—Poltrona.—Cadeiras, etc.

SCENA I

O CONEGO DIAS e a S. JOANNEIRA (*arranjando a sala*)

CONEGO—O teu desvelo é bem applicado; o rapaz merece.

S. JOANNEIRA (*admirada*)—Rapaz!... Então o novo parocho de Leiria é ainda um rapaz?...

CONEGO—E porque não? Conheço-o eu muito bem: foi meu discípulo de moral, no seminario. E assim como eu, é bom que também você o conheça, para que avalie quem é o hospede que vai ter em sua casa.—O padre Amaro Vieira é filho de um criado e de uma criada do marquez de Allegros. Ficando na orphandade, a Marqueza, uma senhora muito religiosa, tomou a si o encargo de educar o pequeno, deliberando, desde logo, que elle seguiria a vida eclesiastica, porque reconhecia que, aquelle rapaz timido e assustado, convinha uma vida recolhida. Educou-se em casa, aprendendo latim com o capellão da familia e os outros preparatorios com as filhas da Marqueza..

S. JOANNEIRA—Eis ahi uma educação mais proveitosa do que a que se obtém nos collegios, exposto aos perigos da impiedade dos tempos, das camaradagens immoraes, e das palavras impuras, que se decoram.

CONEGO—Assim o entendeu a Marqueza, e dando a educação caseira ao menino Amaro Vieira, conseguiu fazer delle uma criança excepcional; até os criados o chamavam «*um mosquinhão morto*»—Tinha-se tornado medroso e extremamente sensível. Aos 11 annos já elle ajudava a missa, de modo que, pouco tempo depois, morrendo a Marqueza e deixando uma disposição testamentaria que impunha a entrada de Amaro para o seminário logo que completasse 15 annos,—estava o rapaz perfeitamente preparado para um curso brilhante. Entretanto, tinha dois annos, ainda, de esperar....

S. JOANNEIRA—Dois annos! E o pobresinho desamparado?

CONEGO—Houve um tio que o tomou à sua conta. Quiz ver si o ageitava no balcão da mercearia....mas era inutil. O ra-

paz habituára-se á ideia de ser padre. Amaro não tinha uma noção nítida do que era — *ser padre*; mas agora o desejo achava se enraizado n'elle e anciava por que lhe chegassem, os 15 annos — Emfim, entrou para o seminario. Tornou-se mais melancolico e dedicou-se muito regularmente ao estudo. Ordenou-se pelas temporas de S. Matheus, e passados dois meses foi nomeado e confirmado parocho de Feirão, na Galheira.

S. JOANNEIRA—Uma parochia pobre, de pastores, e quasi deshabitada!...

CONEGO—Justamente. Seis meses depois vagou esta nossa parochia, e eis ahi o meu bom Amaro apressando-se em pedir a proteccão de alguem para conseguir a nomeação. Lembrhou-se de uma filha da Marqueza de Allegros; essa senhora estava casada com o Conde de Ribamar. Homem de influencia, o Conde intercederia facilmente por elle. E Amaro, por esse intermedio, conseguiu que o ministro da justiça dispensasse-lhe essa distinção, só conferida, até agora, a antigos prelados.

S. JOANNEIRA—Que diferença, entre este e o ultimo que tivemos, o fallecido Conego José Migueis! um velho sanguineo e grosso, que passava por extraordinario glutão!

CONEGO—É que, afinal, morreu de uma apoplexia, depois de uma ceia enorme. Tambem, ninguem o lamentou....

S. JOANNEIRA—Quando a gente se ia confessar e conta-valhe certos peccados, o homem, em vez de reprehender, e aconselhar, ainda dizia:—Ora peça juizo a Deus!—Credo!... Nem gostava que lhe fallassem nos jejuns!... Apre! que até me parecia um hereje!

CONEGO—Mas o novo parocho...esse, é vinho de outra pipa! (*Mudando de tom*) Olha, oh, pequena! vai acabar de arranjar o quarto, porque estamos quasi na hora de chegar a diligencia. Vai. Eu tambem saio a encontral-o.

S. JOANNEIRA—Vou já! (*outro tom*) E não é que com a conversa ia me esquecendo da ceia?!(*sahindo*) Vou já (*sáe pela E.*)

SCENA II

O CONEGO só—depois PADRE NATARIO

CONEGO— Deus queira que o pequeno Amaro venha para aqui melhorar de sorte. E' que em Feirão a parochia é menos rendosa, porém mais descansada. Já um jornal, *A Voz do Distrito*, rompeu-lhe a oposicão, dizendo que o homem vinha cheio de preteccões de altas summidades politicas, e...não sei o que mais. Lá que elle tem padrinhos, tem, e não é de admirar! Um bom lugar não se arranja por obra do Divino Espírito Santo.

NATARIO (*pelo F.*) Seja Deus aqui (*descendo*) Então, o nosso homem chega hoje?

CONEGO—D'aqui a poucas horas. Ah! meu amigo, si o rapaz não tiver mudado, agora é que vamos ter um parocho distinto! Ainda me parece que o estou a vêr, com a batina muito cocada e cara de quem tem lombrigas... De resto, bom rapaz! Minucioso nos estudos, obediente, de bons costumes... e com um timbre de voz, que é um regalo! Para um bocado de sentimento nos sermões da Semana Santa, está a calhar!...

NATARIO—E arranjou o que elle pediu-lhe na ultima carta? A casa mobiliada...

CONEGO— Porque não? Temos aqui o necessario...

NATARIO—Ah! então ella accedeu?

CONEGO—Ora, ora... Aqui mando eu... Pois havíamos de desprezar uma tão boa occasião? Temos esta sala e dois quartos, boa mobilia, boas roupas...

NATARIO—Ricas roupas...

CONEGO—É um bello negocio para a S. Joanneira. Dando os quartos, roupas, comida e criada, pôde muito bem pedir os seus seis tóstões por dia. E depois, sempre tem o parocho em casa...

NATARIO— Por causa da Ameliasinha é que eu não sei... Sim, pôde ser reparado... Uma rapariga nova... Dizem que o parocho é ainda moço... Você sabe o que são linguas do mundo...

CONEGO— Ora, historias! Então o padre Joaquim não vive debaixo das mesmas telhas com a afilhada da mãe? E o conejo Pedroso não vive com a cunhada e uma irman da cunhada, que é uma rapariga de 19 annos?... Ora, essa!

NATARIO— Eu dizia...

CONEGO(*atalhando*)—Não, não vejo mal nenhum. A S. Joanneira aluga os seus quartos; é como si fosse uma hospedaria. Então o secretario geral não esteve aqui uns poucos de meses?...

NATARIO— Mas, um ecclesiastico...

CONEGO— Mais garantias, *seu* Natario, mais garantias! E depois, a mim é que me convém, Natario; a mim é que me convém, meu amigo!

NATARIO— Sim, você faz muito bem á S. Joanneira...

CONEGO - Faço o que posso, meu caro amigo, faço o que posso. Que ella é merecedora, é merecedora! Boa até alli! Olhe que dia em que eu não lhe appareça pela manhã, ás 9 em ponto está n'um phrenesil Oh, creaturel digo-lhe eu, a Srna. rala-se sem rasão! Mas, então, é aquillo! Pois quando eu tive a colica, no anno passado, emmagreceu! que fazia penal... E depois, não ha lembrança que não tenha! Agora pela matança do porco, o melhor do animal é para o *Padre Santo*, você sabe? é como ella

me chama (*suspirando*) Ah! Natario! E uma rica mulher!

NATARIO(*com respeito*)—E bonita...

CONEGO—Lá isso. I. bem conservada até alli! Pois olha que não é uma criança! Mas nem um cabello branco! nem um! nem um só!... E então; que côr de pelle! (*Indicando o pescoço, debaixo do queixo*) E isto aqui, Natario, e isto aqui!... E' uma perfeição! E depois, mulher de aceio, muitissimo aceio! E tem umas lembrançasinhos! Não ha dia em que me não mande o seu presente: é o covilhete de geléa, é o pratinho de arroz dôce, é a bella murcella de Arouca... Hontem mandou-me uma torta de maçans. Ora havia de você vêr aquillo! A maçan parecia um creme! Até a mana Josepha disse: «Está tão boa que parece que foi cosida em agua benta!» (*Com a mão sobre o coração—ternamente*) São coisas que tocam a gente cá por dentro, Natario! —Não, não é lá por dizer, mas não ha outra—Eu bem sei que por ahi rosnam, rosnam... Pois é uma grandissima calunia! O que é, é que eu teuho muito apego a esta gente. Já o tinha em tempo do marido; você sabe—A S. Joanneira é uma pessoa de bem! Creia que é uma pessoa de bem! (*Começa a escurecer*)

NATARIO—As linguas do mundo são venenosas, Sr. Conego!... Mas, isto, a você deve sahir caro, heim?

CONEGO— Pois ahi está, meu amigo! Imagine você que desde que o Secretario Geral se foi embora, a pobre da mulher tem tido a casa vasia: eu é que tenho dado para a panella, Natario!

NATARIO—Porém, ella tem uma fazendita...

CONEGO— Uma nesga de terra, meu rico padre Natario, uma nesga de terra! E depois: as decimas, os jornaes... Por isso digo eu: o parocho é uma mina! Com os 6 tostões que elle der, com o que eu ajudar, com alguma coisa que ella tirar da horatalha, que vende, da fazenda... já se governa. E para mim é um allivio!...

NATARIO—É um allivio, lá isso é — Mas ... não ha tempo a perder. Você não vai receber o padre Amaro? Olha que a diligencia está a chegar ...

CONEGO(*tomando o chapéo*)—Tem razão, vamos.

NATARIO— Nada. Eu saio, tambem, porém tenho outro destino. Vou para a casa, que a Rosinha anda doente (*saem pelo F.*)

SCENA III

S.JOANNEIRA e MARIA D'ASSUMPÇÃO (*ambas pela E.*)

S.JOANNEIRA (*com um espanador, e uma luz que coloca sobre a mesa*) Não está bem arranjadinha, esta sala, D. Maria? Olhe, o quarto de dormir é aquelle (*indica a porta da D.*)

MARIA (*examinando da porta o quarto da D.*) — Está muito bem... Lençóis de linho, boa cama, fronhas bordadas... (*Percorrendo a sala*) Muito bem, muito bem! (*Acalma o pigarro. Este sestro deve sustentar durante toda a peça*)

S. JOANNEIRA (*continuando a espanar os moveis*) — Tudo prompto, porque o hospede não pôde tardar.

MARIA — A mim o que me consola é que elle seja um rapaz novo. Estar a gente a confessar-se e a vêr o pingo de rapé, como era com o Raposo... Credo! Até se perde a devoção. Não, lá isso, Deus me mate com gente nova!...

S. JOANNEIRA — Espero que as minhas velhas amigas se reunam hoje em minha casa. Já convidei as Sras. Gansosos, a D. Josephina Dias...

MARIA — E o Sr. João Eduardo?...

S. JOANNEIRA — Esse não é preciso avisar: apparece todas as noites.

MARIA — Pois olhe, minha querida, seria bom que elle se deixasse de andar *fazendo roda* à pequena. Aquillo é um rapaz leviano, sem respeito pela religião... E depois, tão acanhado diante de gente... Nem sei como a Ameliasinha pôde gostar de semelhante cara... Uma menina bonita, instruida, e educada com tanto zelo religioso!...

S. JOANNEIRA. — Tambem eu não sei, D. Maria. Apenas me lembro de que a primeira vez que o vi foi em casa do tabelião Nunes Ferral, onde é empregado como escrevente. Fômos assistir d'allí a passagem da procissão de *Corpus-Christi*, depois estivemos, à noite, n'ma reunião de familia, e, tanto pela manhan como á noite, lá estava o Sr. João Eduardo. Percebi que havia *alguma cousa* entre os dois, porém sempre suppus que fôsse um desses amores passageiros. Vejo que — não. João Eduardo é um moço serio, honesto e trabalhador.

MARIA. — E está resolvida a entregar-lhe sua filha?

S. JOANNEIRA. — Si ella quizer — Isso mesmo respondi-lhe quando elle dirigiu-me o pedido. Porém, julgo que Amelia não lhe tem amor. Acha-o bom rapaz, confessa que d'elle pôde-se obter um bom marido... mas, não se entusiasma por elle...

MARIA. — E quando pretende realizar o casamento?

S. JOANNEIRA. — Sempre que lhe falla a esse respeito, Amelia responde: «mais tarde, por ora não me parece tempo...» E outras phrases indecisas. A' vista disso, resvolvi eu que a situação seja definida quando elle obtiver o lugar de amanuense do Governo Civil — Sim, porque — quanto João Eduardo seja um moço de boas qualidades, a sua posição de escrevente de um cartorio não é sufficiente para elevar-o a chefe de familia.

SCENA IV

AS MESMAS e ARTHUR COUCEIRO—depois O LIBANINHO

ARTHUR (*pelo F. com uma guitarra*) Ora viva a sociedade ! (*Descendo*) Então o novo parocho ainda não chegou? Já tinha tempo de aqui estar. Quero recebel-o com todos os ff e rr (*indica a guitarra*)

S. JOANNEIRA (*a Arthur*) Ha tantos dias que não apparece! Como vai o Sr?

ARTHUR — Mal. (*senta-se*) Sempre as dôres no peito... a tossesita...

S. JOANNEIRA — Porque não experimenta o oleo de figado de bacalhau?

ARTHUR — (*descrente*) Qual ! ...

MARIA — Uma viagem á Madeira; isso é que era ! ...

ARTHUR (*com sorriso de mofa*) — Uma viagem á Madeira! Um amanuense de administração, com 18 vintens por dia, mulher e quatro filhos! ? ...

S. JOANNEIRA — E como vai ella? a Joanninha?

ARTHUR — Coitadita, lá vai ! Tem saude, graças a Deus! Gorda, forte, sempre com appetite... Os pequenos, os dois mais novos, é que estão doentes. De mais a mais, agora a criada também caiu de cama. E' o diacho! — Paciencia ! Paciencia ! ... (*Mudando de tom e fazendo uma medida profundamente cómica, a Maria d'Assumpção*) Como vai a Sra. D. Maria ?

MARIA — Ora, sempre este catharro chronico...

ARTAUR (*batendo uma palma da ao ombro da S. Joanneira*) E como vai a nossa Madre Abbadessa ? (*Risadas*)

LIBANINHO (*entrando a correr pelo F.*) — Oh, S. Joanneira ? Então o Sr. parocho já veio, hein ? Já o vi, já o vi. Desembarcou ha pouco da diligencia.

S. JOANNEIRA — Como você conheceu ?

LIBANINHO — Quando apeiava-se, o Sr. Conego Dias abraçou-o, gritando .« Oh! meu querido Amaro!... » Ora, eu já sabia que elle chamava-se Amaro... E' um rapagão! (*Mudando de tom*) Adeus ! Adeus ! minha gente. Não me posso demorar. (*Fazendo galanteios á S. Joanneira*) Estás cada vez mais gordinha ! Olha que rezei, hontem, as tres *Salve-Rainhas* que tu me pedistes, ingrata ! Adeusinho ! Adeusinho, pequenas ! (*Sahida falsa*)

S. JOANNEIRA — Voltas. Libaninho ?

LIBANINHO — Ai! não posso filha, não posso ! — Olha que amanhã é Santa Barbara: tem 6 *Padre Nossa* de direito (*sahida falsa*) Adeus (*Voltando*) Ahi vem elles com a irman do Conego. (*Afasta-se para dar passagem a Amaro, faz-lhe uma profunda reverencia e sac pela E.*)

SCENA V

S. JOANNEIRA, MARIA D'ASSUMPCÃO, ARTHUR COUCEIRO— PADRE AMARO, CONEGO DIAS, JOSEPHA e UM CARREGADOR, pelo F

CONEGO (*a Amaro*) Aqui tem você o seu palacio. (*apresentando-o à S. Joanneira*) E aqui tem a Sra. o seu hospede. (*Cortejam-se respeitosamente. O Conego indica o logar onde o carregador deve deixar as bagagens, elle obedece e sae pelo F.*)

S. JOANNEIRA—Muita honra em receber o Sr. pároco! Muita honra! (*Apresentando os circunstântes*) Aqui está a Sra. D. Maria d'Assumpção, uma das mais fieis devotas da parochia (*Cortejam-se*) O Sr. Arthur Couceiro, a voz mais agradável da cidade. (*O mesmo jogo*) Esta sala é sua, Sr. pároco. Para receber, para espairecer... (*Indo á porta da D.*) Aqui é o seu quarto de dormir. Tem uma commoda, guarda-roupa, campainha para chamar criados... Si gosta de travesseirinha mais alta, arranja-se... Tem um cobertor só, mas querendo...

AMARO—Está bem, está tudo muito bem, minha Senhora.

S. JOANNEIRA—O que precisar, é pedir. O que ha, da melhor vontade... (*Indicando-lhe a poltrona*) Ha de estar cansado? Por força...

CONEGO—Olhe que elle deve vir cheio de fome; o que elle quer é ceiar.

S. JOANNEIRA—E' um instantinho (*Saindo*) Desde as 6 horas que está o caldinho a depurar. (*Voltando-se*) Quer ceiar ahi mesmo, Sr. pároco?

CONEGO—Sim, senhora, elle ceia aqui mesmo. (*S. Joanneira sae—O Conego senta-se a uma cadeira e Amaro na poltrona, juntos um do outro—Os outros personagens, grupados no 2º. plano parecem conversar, olhando repetidas vezes para o recente-chegado.*)

SCENA VI

OS MESMOS menos a S. JOANNEIRA, depois A RUSSA, mais tarde AMELIA e JOAQUINA GANSOSO.

CONEGO (*a Amaro*)—E' contentar, meu rico. é contentar. Foi o que se pode obter.

AMARO—Eu estou bem em toda a parte, Padre Mestre.

CONEGO—Você está aqui como em sua casa.

AMARO—Vamos a saber, Padre Mestre—e preço?

CONEGO—Seis tostões. Uma sala e um quarto, mobiliados, com comedorias, com criados... Que diabo! E' de graça!

AMARO—E fica longe da Sé?

CONEGO—Dois passos. Pôde-se ir dizer missa de chinellas—Quanto a moralidade... a casa é exemplar: a patrôa é uma senhora viúva respeitável, chama-se Augusta Caminha, porém tratam-a—a *San Joanneira*—por ser natural de S. João da Fóz. Na casa ha uma rapariga: é filha da S. Joanneira. Uma mocetona de 22 annos. Bonita. Sua pontinha de genio, mas bom coração...

AMARO—Pois, meu Padre Mestre, parece-me que me hei de dar bem, aqui.

CONEGO—Há de se dar muito regaladamente (*a Russa, sempre tossindo prepara a mesa*)

AMELIA (*chegando á porta do F.*)—Pôde-se entrar?

ARTHUR (*indo recebê-la*)—Olé! Seja bem apparecidal! Por onde andou a menina?

CONEGO (*Voltando-se*)—E's tu, Amelia? Entra, filha. Aqui está o Sr. parocho; chegou agora á noitinha. (*Entra. Amelia seguida de Joaquina Gansoso—Trocá de cumprimentos*) Então isto são horas, sua bregeira? Onde andou você que só agora resolveu-se a aparecer?

AMELIA—Fui ao Morenal com esta senhora, que depois fez-me passar parte da noite em sua casa...

CONEGO (*com caricia*)—Ora vá se encorrhedar a Deus, vâ. (*Durante este tempo a mesa tem sido posta*)

SCENA VII

OS MESMOS e a S. JOANNEIRA, pela E.

S. JOANNEIRA—Cheguem-se. Cheguem-se (*Todos tomam seus lugares*)—Amelia beija a mão da S. Joanneira e vem sentar-se ao pé de Amaro—S. Joanneira, á cabeceira da mesa, serve de chá)

CONEGO (*sentando-se*)—Vá lá, para fazer companhia.

ARTHUR (*offerecendo assucar a Josepha*)—Si está azedo deite-lhe mais sal.

JOSEPHA (*a Amaro*)—E' sempre isto, Sr. parocho: aqui o Sr. Arthur nunca está triste.

ARTHUR.—Pois é um engano, D. Josepha; eu finjo-me alegre para não deixar-me preocupar com as tristezas de todos os dias...

AMELIA—Vai um docinho, Sr. parocho? São da Encarnação. Muito fresquinhos...

AMARO—Obrigado, minha sénhora.

AMELIA (*designando um*) Aquelle alli.— E' toucinho do céo...

AMARO (*com pilheria*) Ah! Si é do ceu...

MARIA—O Sr. parocho chegou tão tarde... Passeiou muito?

AMARO—Não, minha senhora. A hora era impropria—Cheguei á noite.

CONEGO—Havemos de o fazer amanhã, quando te fôres apresentar ao Sr. chantre. Temos muito que vêr. Has de gostar das ricas paysagens de Leiria.

JOSEPHA—Especialmente o rio. Até já ouvi dizer que nem Lisboa tem coisa assim...

JOAQUINA—Qual! Não ha nada que chegue á Igreja da Encarnação, no alto. Desfructa-se muito d'alli.

AMELIA—Eu, por mim, gosto d'aquelle bocado ao pé da ponte, debaixo dos chorões—E' tão triste!... (*Amaro lança-lhe um olhar timido*).

CONEGO—Mas, conta-me cá, oh Amaro, você era rachítico e enfezadito, e agora parece forte...

AMARO—Foi o ar da Serra; fez-me bem. Aquelle inverno aspero é salutar.

CONEGO (*deitando-lhe vinho no copo*) Beba-lhe, homem! Beba-lhe! (*Pausa*) Como os annos passam! Ainda me parece que te vejo no seminario. Bellos tempos, meu Amaro!—O que será feito do *Rabicho*? e do *Carocho*? (*Riem*) Como os annos passam!... (*a Russa, sempre tossindo--traz um prato-travessa*) Viva! Não, lá n'isso tambem eu entro! A bella maçan assada nunca me escapa! Grande dona de casa, meu amigo! Grande dona de casa, é esta senhora!

S. JOANNEIRA (*servindo o Conego*) Isto é um santo, Sr. parocho. Devo-lhe muitos favores!

CONEGO (*com fingida modestia*) Deixe fallar, deixe falar. (*Deita no calix de Amaro um outro vinho*) Prova lá disto (*Amaro bebe*) Hein? Boa gotta!

S. JOANNEIRA—Olhe que ainda é do que bebemos no Morenal, quando Amelia fez 15 annos!

CONEGO.—No Morenal... (*a Amaro*) Não sabe você o que é o Morenal?—E' um condado desta senhora.

AMARO (*com respeito*) Ah!...

CONEGO—Sim, senhor. Tambem ella é proprietaria.

S. JOANNEIRA—Ah, Sr. parocho, deixe lá... E' uma nesga de terra! Para cultival-a é tão difícil, tão dispendioso!... Não paga a pena. E as decimas?!... (*ouvindo a Russa tossir repetidas vezes*) Vai tossir lá para dentro, rapariga. (*a Russa sae sempre tossindo*).

AMARO—Parece doente, coitadita!

S. JOANNEIRA—Está quasi tisica—*A pobre de Christo*
é minha afilhada e orphan—Tomei-a por piedade...

CONEGO—E tambem porque a criada, que cá tinha, adoeceu. (*Levanta-se, e os outros o acompanham sem ruido*)
Isto por aqui tem sido um não acabar de molestias.

AMARO (*contricto*) Eu, agora, louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, tenho saude, tenho !

MARIA.—Deus lh'a conserve.

S. JOANNEIRA—*Amen.* Ai, que eu tambem não posso queixar-me; mas tenho em casa uma desgraça, uma grande desgraça, Sr. parocho:—uma irman entrevada, ha 10 annos, e completamente idiota! A pobresinha, depois dos 70 annos, apanhou uma catharral, no inverno, e, desde alii, vai se extinguindo... Ha pedaço, ao fim da tarde, teve ella um ataque de tosse. Pensei que se ia embora. Agora descancou mais...

SCENA VIII

OS MESMOS e JOÃO EDUARDO .

J. EDUARDO (*apparecendo ao F.*) Dão licença ?

S. JOANNEIRA—Oh ! O Sr. João Eduardo ? Faz favor ? Entre. (*apresentando-o a Amaro*) Sr. parocho—o Sr. João Eduardo, escrevente do cartorio do tabellião Nunes Ferral... (*baixo*) e meu futuro genro.

AMARO (*cumprimentando-o*) Que Deus o fade para bem. (*Silencio—Os personagens dividem-se em grupos que parecem conversar*)

JOAQUINA—O que será feito do Sr. Padre Brito ?

MARIA—Está, talvez, com a enxaqueca, pobre de Christo !

J. EDUARDO—Eu vi-o, hoje, a cavallo; ia para os lados da Barrosa.

JOSEPHA—Homem ! E' milagre ter o Sr. reparado ! ...

J. EDUARDO.—Porque, minha senhora ?

JOSEPHA—Ainda elle o pergunta !—O Sr. que nem lhe tira o chapéo !

J. EDUARDO.—Eu ! ?

JOSEPHA—Disse-m'o elle. (*a Amaro*) Ai, Sr. parocho bem pôde chamar este Sr. João Eduardo para o bom caminho...

J. EDUARDO (*olhando fixamente para Amelia*) Mas eu, parece-me que não ando no mau caminho...

JOAQUINA—Olhe: com o que o Sr. disse, hoje, lá em casa, de tarde, da *Santa da Arregassa*, não ha de ganhar o ceu, não.

JOSEPHA—Ora essa! Que tem o Sr. a dizer da Santa? Acha. talvez que é uma impostura ?...

MARIA (*pondo as mãos no peito, em posição contracta, e fitando João Eduardo piedosamente*) Credo! Jesuz! Pois elle havia de dizer isso?

CONEGO—Não; o Sr. João Eduardo não era capaz de dizer uma dessas.

MARIA—Tambem era o que faltava...

AMARO—Mas, quem é a *Santa da Arregassa*?

MARIA—Então, não tem ouvido fallar?

JOSEPHA—Oh, senhores! Pois dizem que os jornaes de Lisboa vem cheios disso.

CONEGO—E', com effeito, uma coisa bem extraordinaria.

S. JOANNEIRA—Ai, não imagina, Sr. parocho... E' o milagre dos milagres!

MARIA—Si é! Si é!...

AMARO—Mas, então?

JOAQUINA—Olhe, Sr. parocho: a Santa é uma mulher que ha n'uma freguezia, aqui perto, que está, ha vinte annos, na cama...

MARIA—Vinte cinco...

JOAQUINA—Vinte e cinco? Pois olhe; ao Sr. Chantre ouvi eu dizer vinte...

S. JOANNEIRA e o CONEGO—Vinte e cinco. São vinte e cinco.

JOSEPHA—Está entrevadinha de todo, Sr. parocho. Parece uma alminha de Deus. Os bracinhos são isto (*indica o dedo minimo*) Para a gente a ouvir é necessário pôr-lhe o ouvido ao pé da bocca.

MARIA—Pois si ella se sustenta da graça de Deus... Coitadinha! que até a gente lembrar-se...

J. EDUARDO (*sorrindo*) A coisa é esta: o que os medicos dizem é que aquillo é uma doença nervosa. (*As mulheres horrorisadas persignam-se*)

JOSEPHA—Pelo amor de Deus! O Sr. diga isto diante de quem quiser, menos de mim!...

JOAQUINA—E de mim!

MARIA (*horrorisada*) Ora, ora, ora!...

JOSEPHA—Tambem lhe digo: o Sr. é um homem sem religião! (*Olhando para Amelia*) Olhe, filha minha é que eu não lhe dava. Saiba. (*Sensação de Amelia e João Eduardo*)

J. EDUARDO—Eu digo o que dizem os medicos. E de resto, não tenho pretenções a cazar consigo, Sra. D. Josepha. Saiba tambem... (*Risadas*)

JOSEPHA—Arreda! Cruzes!

AMARO—Mas, o que faz, então, a *Santa*?

JOAQUINA—Olhe, Sr. parocho: está sempre de cama; sabe rezas para tudo; pessoa por quem elle peça tem a graça do

Senhor; é a gente apegar-se com ella e cura-se de toda a molestia. E depois, quando communga, começa a erguer-se, e fica com o corpo todo no ar, com os olhos fitos no ceu, que até chega a fazer terror!...

J. EDUARDO (*aparte*) E é isto!... Todas estas crenças supersticiosas a perseguirem uma menina inexperiente, que resultado poderão dar? De qualquer lado para onde se volte, só encontra batinas e fanatismo..E, agora, mais este, que vem viver debaixo das mésmas telhas!...

ARTHUR—Mas, ficamos na historia da Santa? Não ha, hoje, um bocadinho de musica, para alegrar a gente?

JOAQUINA---É tarde. Nós já vamos (*Levanta-se---Maria d'Assumpção acompanha-a*)

CONEGO---Nada. Esperem um pouco, esperem um pouco. (*a Arthur*) Vamos ouvir alguma das tuas canções predilectas (*a Amaro*) E' uma distracção que terás todas as noites. E a pequena tambem ha de contribuir para ella: toca piano admiravelmente. Vais ouvir.

ARTHUR---Então? Que ha de ser?

JOAQUINA---« O noivado no sepulchro ».

S. JOANNEIRA---« O Descrido ».

MARIA---« O Nunca mais ».

JOSEPHA---« O Guerrilheiro ».

CONEGO---Oh, Couceiro? Vá aquella do « Tio Cosme, meu bregeiro.»

AS MULHERES Não, não!

JOSEPHA---Ai, mano! Que lembrança! Credo!...

JOAQUINA---Nada. Uma coisa de sentimento, para o Sr. parrocho fazer ideia.

MARIA---Isso, isso! Uma coisa de sentimento.

CONEGO---Uma coisa de sentimento?...Pois vamos lá.

ARTHUR (*empunha a guitarra e canta uma modinha sentimental ad libitum, figurando acompanhar-se ao instrumen-to que traz*)

TODOS (*quando Arthur acaba de cantar*) Muito bem! Bonito!

CONEGO (*baixo a Amaro*) Para coisas de sentimento, não ha outro. (*alto*) Ameliasinha? Agora você... Ande, não se faça de rogada...(*Amelia, um tanto vexada, approxima-se do piano*)

S. JOANNEIRA---Aquella melodia de tua predilecção, que te ensinou o falecido *tio Cegonha* (*Amelia senta-se ao piano e figura executar a melodia*)

AMARO---E' linda, e cheia de sentimento!...Mas quem é o *tio Cegonha*?

AMELIA— Era o meu professor de musica. Deus lhe falle n'alma! Eu estimava-o tanto! tanto! o pobre velho!... Chamava-lhe o *tio Cegonha*, por ser muito magro e alto. Ai! quanta amizade! quanta compaixão eu tinha pelo meu finado professor! O pobresito quasi não tinha roupa com que se vestisse decentemente...

AMARO—E' composição do *tio Cegonha*, essa musica?

AMELIA—Não, senhor parocho.. Um dia, em que elle foi dar-me lição e encontrou-me doente, para distrahir-me sentou-se ao piano e tocou esta *meditação*. Achei-a extremamente bella, e perguntei ao velho *tio Cegonha* que musica era aquella. Era uma *meditação* feita por um frade, seu amigo. Oh! Mais ainda gostei da *melodia* quando conheci a historia infeliz do seu autor.

CONEGO—Temos romance?

AMELIA—Um triste romance. *O tio Cegonha* contou-me que aquele homem tivera, em rapaz, uma grande paixão por uma freira; ella morrera no convento, d'esse amor infeliz; e elle, de dor e de saudade, fizera-se frade franciscano: ia muitas vezes vizital-o, quando o *tio Cegonha* era organista em Evora —E o *tio*, fallando a esse respeito, tinha a voz tremula. Foi debaixo da impressão do sentimento profundo que o frade compoz aquella musica... E todo esse sentimento profundo alli está. Pobre moço! Impressionou-me tanto esta narração! Durante todo o dia estive pensando n'essa historia, que causou-me tamanha excitação. Deitei-me incommodada. De noite veio-me uma grande febre, tomou-me um sonho espesso e vivo em que dominava a figura do frade franciscano, destacando-se na sombra do orgão da Sé de Evora. Via os seus olhos profundos, luminosos... a sua face encovada... Tinha sido uma paixão que assim o arrastava para as amarguras de um convento! E a quantos outros tem acontecido o mesmol... E parecia-me vêr a freira, pallida, nos seus habitos brancos, encostada ás grades negras do mosteiro, saccudida peios prantos do amor! Depois, no longo claustro, a ala dos frades franciscanos caminhava para o escuro coro : elle ia no fim de todos, vagaroso, com o capuz sobre o rosto, arrastando as sandalias, emquianio um grande sino, no ar nublado, tocava o dobre dos finados. Depois via-o triste, na cella, á luz da lampada suspensa de um varão de ferro, escrevendo miudamente n'um papel de musica. Depois, o sonho alargava-se: era um vasto céu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes, com habitos de convento, e um ruido ineffável de beijos, gritavam, volteavam, levadas por um vento incessante ; mas desvaneciam-se como nevoas, e na vasta escuridão eu via apparecer um grande coração escarlate, em carne viva. de uma cõr affogueada, todo trespassado de espadas---

e as gottas de sangue que cahiam delle, enchiam o ceu com uma vasta chuval... (*tristemente*) E quantas! quantas paixões tem dado resultado semelhante!

JOAQUINA (*levantando-se*)---Qual! minha menina! Isto são historias de outro tempo. Hoje não se dá o mesmo.. E com esta adeus. que são horas. (*Profunda reverencia ao padre Amaro*) Adeus; o Sr. parocho deve estar cançado e ter sommo. Até amanhan, minha gente (*Despede-se de todos.*)

MARIA---Eu tambem vou; espere um pouco. Não posso apanhar sereno depois das 10 horas; faz-me mal á bronchite. (*Despedindo-se*) Até amanhan. Sr. parocho, deite-me a sua benção

ARTHUR---Mas, o que é isso? Vão sós? Nada! Não consinto. Eu as acompanho (*saindo*) Boas noites, meu povo! (*sáe pelo F. com as mulheres.*)

SCENA IX

PADRE AMARO, CONEGO, S. JOANNEIRA, AMELIA,

JOSEPHA e JOÃO EDUARDO

CONEGO---Pois, senhores, isto são horas. Amaro, amanhan pelas 8 do dia, hei de apparecer, para irmos á Sé; depois iremos ao Sr. chantre para confirmar a tua nomeacão (*apertando a mão de Amaro*) Adeus. Descança, que deves estar moido de fadiga.

JOSEPHA (*a S. Joanneira*) Hei de mandar-lhe amanhan um doce que preparei hontem. Quero que você prove, a ver se adevinha de que elle é feito (*ao Conego*) Já ouviu, mano; voce lembra-me o doce para trazer a S. Joanneira.

CONEGO---Pois sim, sim. (*a Amaro*). Esta minha mana é uma especialista em doces. Tambem, a não ser isto, só sabe rezar *Padre Nossos*.

S. JOANNEIRA O Sr. parocho quer lamparina?

AMARO---Não, minha senhora.

JOSEPHA---Vamos mano, que já é tarde.

AMARO (*a S. Joanneira*) E' verdade... Amanhan é sexta-feira, é jejum.

CONEGO---Não, não; você amanhan janta commigo. Eu venho cá; vamos ao chantre, á Sé, e por ahi, e depois vais até lá em casa jantar. Olha que tenho lulas! é um milagre, porque o peixe, por aqui, é raro.

S. JOANNEIRA (*a Amaro*) Era excusado lembrar o jejum, Sr. parocho.

AMARO---Eu dizia, porque, infelizmente, hoje ninguem cumpre...

S. JOANNEIRA—Tem V. S. muita razão; mas eu, credo!—
A salvação da minh'alma, antes de tudo !

CONEGO—Apoiado! apoiado! (*saindo*) Até amanhã. (*sae com Josepha pelo F.*)

SCENA X

OS MESMOS, menos o CONEGO e JOSEPHA

S. JOANNEIRA—Eu tambem saio. Vamos para dentro, minha filha; vamos, Sr. João Eduardo. Deixem o Sr. parocho ficar á vontade. Esta sala pertence-lhe.

AMARO—Perdão, minha senhora; não se afflija por isso. Eu acommodo-me no meu quarto, porque preciso de deitar-me. No mais—a sala, por hoje posso dispensar.

S. JOANNEIRA—Bem, eu vou vêr a minha doente. Si precisar de alguma coisa, faça o favor de pedir.

AMARO—Julgo que nada me faltará.

S. JOANNEIRA—Adeus, Sr. parocho. Boa noite (*saindo*) Venham, meus filhos. (*sae pela E.*)

AMARO (*encaminha-se para a D. parando junto da porta e lançando um olhar para Amelia--aparte*) Uma bella moça! E' pena que aquelle rapaz seja o seu pretendente. Parece-me tão pouco desembaraçado!... (*sae pela D. e fecha a porta*)

SCENA XI

JOÃO EDUARDO e AMELIA

AMELIA (*que desde ó fim da scena VIII tem se conservado pensativa, sentada a um canto da sala--Comigo mesmo*) E' tão moço! Tem um todo sympathico, mas uns modos tristes!... Quem sabe si não foi tambem algum grande desgosto de amor que o levou ao isolamento ecclesiastico, como o frade infeliz da meditação!?...—Deve ser tão meigo!...

J. EDUARDO (*aparte--contemplando-a*) E nem uma palavra!... (*alto--aproximando-se*) Sente-se mal, minha senhora? Está doente?

AMELIA (*levantando-se assustada*) Ah! o Sr. ainda aqui estava

J. EDUARDO—De proposito para fallar-lhe.—Parece-me que impressionou-lhe muito a recordação da historia do frade apaixonado?

AMELIA—Não ha nisso nada de extraordinario. Prova que tenho um coração sensivel.

J. EDUARDO—Ninguem o negará. Muito sensivel, especiamente quando se trata de cousas religiosas.

AMELIA (*reprehensiva*) E quer, o Sr. apagar as minhas crenças?

J. EDUARDO—Não; não quero; não posso querer. Tental-o, seria tentar, o impossivel. E' uma consequencia da maneira por que a Sra. foi educada e do meio em que vive.

AMELIA—Não o acha decente? Pois, de ha muito que o Sr. o devia ter notado. Desde que nos conhecemos, o Sr. João Eduardo deve ter observado que a minha convivencia é a mesma, o meu fervor pela religião é o mesmo. Porque, então, continua a jurar que me ama?

J. EDUARDO—E' que amo-a, realmente, Amelia! Amo-a tanto, que desejava poder prestar-lhe um grande serviço.

AMELIA—Afastando-me da religião?

J. EDUARDO—Não: afastando-a do fanatismo. Ha uma diferença completa entre a religião e o fanatismo. Não os confunda. Mas vejo que é inutil: essa sociedade supersticiosa com que a Sra. mantem a mais intima convivencia... Essa sociedade, ainda ha pouco, censurava-me accusava-me de heresias, apostrophava-me de toda a sorte, só porque eu tentava desvanecer um preconceito...—Não importa: espero, em breve, obter a nomeação que ambiciono, e então...

AMELIA—Então...?

J. EDUARDO—Si a Sra. quizer cumprir a sua promessa, serei seu marido e livral-a-ei do abysmo que a ameaça. Si, entre tanto, a Sra. tiver achado uma resolução mais sabia e mais prudente...

AMELIA—Não o comprehendo...

J. EDUARDO—Quero dizer: que pode ter ao seu alcance um marido mais digno, e... fará muito bem aceitando-o, porque procurará uma felicidade mais provavel.

AMELIA—Ora, além de tudo, o Sr. quer se fazer ciumento?

J. EDUARDO—De modo algum; porém a sua frieza, a sua quasi indifferença para commigo, só pôde nascer da falta de sympathia que a Sra. tem por mim.—E desde que eu não lhe mereço sympathia, tem a Sra. D. Amelia o coração livre para d'elle dispor em occasião favoravel.

AMELIA—Com franqueza, Sr. João Eduardo, a sua conversa enfada-me...

J. EDUARDO—Falta-lhe, á minha linguagem, o latim de sachristia. A Sra. D. Amelia aprecia, por issc, menos a conversaçao intima e sincera do que as cathecheses traiçoeiras do fanatismo.

AMELIA (*dispondo-se a sair*)—Basta, Sr. João Eduardo. As suas palavras são profanações e eu não consinto que diante de mim se desrespeite a religião em que fui educada.

J. EDUARDO—Minha senhora; eu não attaco a instituição accuso os seus representantes.

AMELIA (*saindo*) Seja como fôr. As suas conversas são prejudiciaes a quem ainda tem crenças. Eu acostumei-me, desde pequena, a distinguir nos padres os missionarios de Deus, e essa crença honesta ainda conservo (*sáe pela E.*)

J. EDUARDO (*acompanhando-a com o olhar*) — Missionarios de Deus! — São os missionarios de Deus, e os arautos da hypocrisia!

PANNO

PRIMEIRO ACTO

SEGUNDO QUADRO

Sala interior da casa da S. Joanneira—A D. (1º.) janella—(2º.) porta.
A E. e ao fundo portas.

SCENA I

AMELIA (*só—Em trajo de passeio — tristemente*) Sair ! Antes esse passeio fosse destinado para mais tarde. Já estou tão affeita a ouvir, todos os dias, por esta hora, os conselhos, as conversações do parochol!—Santo homem!—Quem me dera que elle fôsse o meu confessor! As suas palavras, então devem ser tão doces, tão persuasivas!...Como será bom estar ajoelhada aos pés d'elle, no confissionario, fallando-lhe baixo, vendo de perto os seus grandes olhos tristes, sentindo a sua voz tranquilla fallar do Paraíso, da Glória, dos Anjos, de todas as coisas Divinas!... Tem uns dentes tão alvos!...E como lhe fica bem a batina!... (*olhando para a janella*) E' alli, naquella velha igreja, que elle celebra, baptisa, casa, e encomenda os mortos—E' um padre; um homem de Deus. D'elle cárca a penitencia e a absolvicão. As suas palavras dão o Paraíso. Da sua jurisdicção vem a santidade!...E é tão novo! tão interessante! tão meigo!... Seus olhos são tão bellos!... (*Amaro aparece. Sensação d'ella*)

SCENA II

AMELIA e AMARO

AMARO (*pelo F.*) Olé! A menina vai sair? Toda taful!...

AMELIA (*com acanhamento*) Vou ao Morenal com a mamãe... Mas não temos demora, Sr. parocho.

AMARO (*com carinho*) Então para ir ao Morenal é preceio tanto apuro no vestuario? (*com malicia*) Quem sabe si não ha algum derriço?

AMELIA (*baixando os olhos—tristemente*) Ai ! A mim ninguém me quer, Sr. parocho.

AMARO (*com intenção*) Não é tanto assim... Pois uma menina tão bella... de tão esmerada educação... (*outro tom*) Não me censura por esta liberdade. não é assim ? Eu sou um sacerdote, tenho a minha existencia consagrada ao serviço de Deus... E as palavras do sacerdote saem depuradas de qualquer má intenção.

AMELIA—De certo, Sr. parocho. E' por isso que não me arreceio de tambem confessar-lhe que o estimo tanto ! tanto, como si fôra um irmão. Haverá n'isso motivo para censura ?

AMARO—Bem vê que não. Eu devo merecer-lhe uma inteira confiança. A *mamãe*, tambem, assim o crê, não é verdade?

AMELIA—A *mamãe* tem, para com o Sr. parocho, a mais honesta e dedicada amizade, e até orgulta-se de que a sua casa dê hospedagem a um sacerdote tão virtuoso.

AMARO—E creia que essa sympathy não me tem passado despercebida. Aqui, nesta casa, sinto-me feliz; a *mamãe* tem sido tão attenciosa, cheia de condescendencias...Os dias vão passando faceis, sem cuidados, com boa mesa...com todos os desvellos... Ha muito que eu não estou habituado a esses confortos, minha menina. Após as tristezas do Seminario; o aspero inverno na serra, n'um casebre desamparado—a vida em Leiria consola-me e dilata-me. Sou como um homem que, depois de uma negra noite de jornada, nos escorregadios trilhos da serra, sob os espessos chuveiros, se encontra em casa, secco e abrigado, n'um bom chambre estofado, sentindo o alegre lume estalar, a sopa cheirosa fumegar, toda a sua felicidade sorrir em redor (*ouve-se a voz da S. Joanneira chamando Amelia*)

AMELIA—Adeus, Sr. parocho—*Mamãe* está chamando-me. Adeus.

AMARO—Adeus, minha menina. Não se demore. Va.

AMELIA (*saindo pelo F. a correr*) E' um instante. D'aqui a pouco estaremos de volta.

SCENA III

AMARO (*só—Acompanha com um olhar saudoso a sahida de Amelia*) Desappareceu o encanto... O padre Amaro voltou a ser o sacerdote modelo...Mas a visão tornará, e diante della quando a vejo, quando a oíço fallar...esqueco-me de que sou o padre Amaro, o parocho da Sé, e só desejo dizer-lhe:—Amelia, amo-te!... Mas não devo, não posso dizer-lhe... Estas ideias são impuras!... Eu sou padre, e ella vai cazar... Tudo nos separa: a educação, a lei, a moral, Deus, o egoismo!—Oh!... mas eu não posso esquecel-a...Como deve ser infinitamente agradável dar-lhe um beijo, um só! na lisa brancura do seu pescoço!...(*reprimindo-se*) Deus! Deus! mais o que penso!... Eu sou um sacerdote!... E' preciso vencer essas lembranças absurdas!...—Quanto eu desejaria nunca tê-la visto... continuar a viver longe, no retiro tranquillo d'aldeia!.. (*Acalmando-se*) E quem sabe si não estou a exagerar a culpabilidade da minha paixão?... Não fui eu mesmo que, ainda ha poucos dias, surpr'endi o Conego em colloquio amoroso com a S. Joanneira?...E é um Conego respeitado pelo cabido!

E é um velho sem os impetos do corpo ! Que farei eu, então —novo, forte, sentindo um sangue abundante impacientar-se no fundo das minhas veias, reclamar, urgir?... E que gente será esta, que vive assim sustentada pela sensualidade pachorrenta de um velho Conego ? Como terá sido educada Ameilia?... Vai sosinha á Igreja e as compras... o seu temperamento parece exaltado...—Talvez que já tivesse um amante... Oh ! si eu vencesse!... com quantas devocções a teria nos meus braços! (*recordando-se*) Não ! Não !... E' inutil !... Para que hei de viver nas impaciencias da paixão, cheio de desejo d'aquelle mulher, até as profundidades de meu ser?—Ella vai cazar... estabelecer-se... O outro pôde dar-lhe o destino bom e serio... o conforto... a doce expansão da maternidade... Eu só posso dar-lhe os terrores do peccado... as sensibilidades criminosas! Ella é uma mulher seria, casta ! Antes não o fôsse! Quasi a preferia vêr toda livre ! com vestidos garridos ! olhos libertinos ! traçando a perna e fitando os homens !... (*subitamente, como que envergonhado de si mesmo*) Senhor ! Senhor ! A que eu cheguei ! Não estou a desejar que a rapariga fôsse uma desavergonhada !... Aqui está o que é ser padre, bom Deus ! Não podemos pensar nas mulheres decentes ; temos logicamente que reclamar devassas ! (*Pausa*) Que vida ! Que vida ! E ha de ser sempre assim:—só eternamente só; só, como um cão ! (*encosta-se tristemente ao parapeito da janella*)

SCENA IV

AMARO, CONEGO, PADRE BRITO, PADRE NATARIO

CONEGO (*pelo F. com os outros*) Olhem, lá está o nosso homem.

BRITO (*aproximando-se de Amaro*) O que faz o Sr. parrocho, tão absorto ?

AMARO (*voltando-se surprehendido*) Ah ! sim... eu contemplava a Igreja. E' uma fachada imponente ! E considerarmos que, no adro d'aquelle templo explendido, tantas criaturas mendigam a caridade publica !...

CONEGO—Muita pobreza por aqui; muita pobreza !

NATARIO—Muita pobreza, mas muita preguiça, e muita immoralidade.

CONEGO—Deixe lá, padre Natario, deixe lá, Olhe que ha pobreza deveras. Por aqui ha familias que dormem no chão como porcos e não comem senão hervas...

BRITO (*chalanceando*) Então que diabo querias tu que elles comessem ? Querias que comessem perú ? Ora, ora ; cada um como quem é !

NATARIO—Pois eu posso dizer-lhe que a causa da miseria é a immoralidade. Para mim é facto averiguado.

CONEGO—Não contesto de todo—Ora, si eu lhes disser que actualmente na freguezia ha mais de 12 raparigas solteiras em estado de dar á luz...

TODOS—Oh!...

CONEGO—Pois, senhores, si as chamo, si as reprehendo, poem-se-me a fungar de riso!

BRITO—Lá, nos meus sítios, quando foi pela apanha da azeitona e vieram as *malas* trabalhar... tornou-se um escândalo! Era necessário andar sempre com o cajado em cima delles!

CONEGO—Na freguezia de Santa Catharina já as mulheres casadas perderam todo o escrupulo! Nem vocês imaginam!... Peiores que as cabras!...

BRITO—E na minha freguezia! Isso lá é que é uma vergonha! Olhe, Sr. parocho, ha raparigas de 16, 18 annos que têm a pouca vergonha de reunir-se n'um palheiro—o palheiro do Silverio—e passar lá as noites (*rindo*) com um bando de marmanjos...

NATARIO (*repoltreando-se n'uma cadeira*) Eu não sei o que se passa na tua freguezia, Brito; mas, si ha alguma coisa, o exemplo vem do alto. A mim teem me dito que tu e a mulher do regedor...

BRITO (*interrompendo-o—colérico*) E' mentira!

CONEGO (*com ironia*) Muito bem, amigo Brito, muito bem!

BRITO (*cada vez mais indignado*) E' mentira! E' uma calunia!!...

CONEGO (*a meia voz*) E, aqui para nós, sempre lhe digo que «é uma mulher de mão cheia!»

BRITO—E' mentira! Arrel! Já disse que é mentira!—Quem anda a espalhar isso é o morgado da cumiada, porque o regedor não votou com elle na eleição... Mas tão certo como eu estar aqui—quebro-lhe os ossos! (*com fúria*) Quebro-lhe os ossos!

NATARIO (*acalmando-o*) O caso não é para tanto, homem.

BRITO (*sem attender*) Quebro-lhe os ossos! Quebro-lhe os ossos! Arre! Não me escapa!

SCENA V

OS MESMOS e o LIBANINHO

LIBANINHO (*pelo F. apressado*) Ai, filhos! Desculpem-me. Demorei-me mais um bocadinho passei pela igreja de

Nossa Senhora da Ermida; estava o padre Nunes a dizer uma missa d'intenção. Ai, filhos ! papei-a logo. Venho mesmo consoladinho !... Mas o que estavam a discutir ? Gritavam tanto, que até parecia que brigavam.

CONEGO—Nada...nada... Fallavamos... de eleições. Recordava, cada um, os recursos, que tem posto em pratica, para alcançar a victoria do seu candidato.

LÍBANINHO—E era isso que lhes fazia gritar tanto ? Devem ter feito altas façanhas para poderem contal-as com tanto entusiasmo !

NATARIO—Pelo menos, eu, tenho-as feito. Olhem, ainda na ultima eleição, arranjei 80 votos !

CONEGO—*Caspité!!*

NATARIO—Imaginem vocês como ?—Com um milagre !

TODOS—Um milagre !

NATARIO—Sim, senhores—Entendi-me com um missionario e, na vespera da eleição, apareceram, na freguezia, umas cartas *vindas do céu*, e assignadas pela Virgem Maria, pedindo, com promessa de salvação e ameaças do inferno, votos para o meu candidato.

TODOS (*menos Amaro*) E' boa ! E' de mão cheia !

AMARO (*surprehendido*) Oh ! mas...

CONEGO—Homem...Disto é que eu cá precisava. Eu então, tenho de andar a estafar-me de porta em porta.—Com o que se faz ainda alguma coisa é com...

NATARIO (*interrompendo*) Com a confissão ; com a confissão é que é.

AMARO (*gravemente*) Mas, enfim, a confissão é uma coisa muito seria, e servir assim para eleições...

NATARIO (*chalaceando*) Pois o Sr. toma a confissão a serio ? (*surpresa geral*)

AMARO—Si tomo a confissão a serio ! ?

TODOS—Ora essa !

NATARIO (*procurando attenuar o que disse*) Mas, escutem, criaturas de Deus ! Eu não quero dizer que a confissão seja uma brincadeira. O que eu quero dizer é que é um meio como outro qualquer... O que eu digo é que a absolvição é uma arma !...

TODOS—Uma arma !

NATARIO—Então, talvez me queiram dizer que qualquer de nós, pelo facto de ser padre, porque o bispo lhe impoz tres vezes as mãos, e porque lhe disse o *accipe*, tem missão directa de Deus, é Deus mesmo, para absolver ?

TODOS—De certo !

CONEGO—*Quorum remiseris peccato, remittentur eis*—E a formula. A formula é tudo, menino...

AMARO—A confissão é a essencia mesma do sacerocio.
Leia Santo Ignacio ! Leia S. Thomaz !

LIBANINHO—Anda-me com elles ! Anda-me com elles !

NATARIO (*exasperado*) Oh, senhores ! O que eu quero é que me respondam a isto: (*voltando-se para Amaro*) O Sr. por exemplo, que acaba de almoçar, que comeu o seu pão torrado, que tomou o seu café, que fumou o seu cigarro, e que depois se vai sentar no confissionario, ás vezes preocupado com negocios de familia, com faltas de dinheiro, ás vezes com dôres de cabeça, ás vezes com dôres de dentes...imagine, o Sr. que está alli como um Deus, para perdoar ?...

CONEGO (*solemnemente*) *Hereticus est !...*

AMARO—*Hereticus est !* tambem digo eu.

CONEGO—Meus amigos, vamos para a sala do Amaro; a nossa conversa está se tornando um tanto livre e profana. Pôde vir por ahi a S. Joanneira ou a filha...e vocês sabem que é feio ouvir, de sacerdotes, ideias tão levianas! Vamos conversaremos mais á vontade. (*Encaminha-se para a D.*) Não vens, Amaro?

AMARO—D'aqui a pouco, Sr. Conego. Agora devo sair.

NATARIO—Offenderam-lhe, as minhas palavras, Sr. parrocho ?

AMARO—A mim ?... Ora essa !...

NATARIO (*saindo com os outros pela D.*) Meu collega, assim é que penso. Não diréi aos meus *freguezes*, porque... emfim... todos nós precisamos de ganhar a vida; mas... ha certas coisas que não me entram cá no casco. (*sae pela D.*)

BRITO (*consigo mesmo*) O tal morgado !... Eu quebro-lhe os ossos ! (*saindo*) Quebro-lhe os ossos !!... (*Desapparecem pela D. o Conego, Natario e Brito*)

SCENA VI

AMARO e o LIBANINHO (*á porta da D. fallando para dentro*)

AMARO (*comsigo mesno—dispondo-se a sair*) Porque não hei de eu ser como estes, que sobem dignidades, entram nos cabidos, dirigem as consciencias—envoltos em Deus como n'uma absolvição permanente... e têm, no entanto, a liberdade do pensamento e da accão, como todo o genero humano ? (*sae pelo F.*)

LIBANINHO (*fallando á porta da D.*) Eu já volto. Vou á Igreja da Encarnação. O Sr. padre Silverio me espera (*ouve*

gemidos a E.) Ai, coitadita ! E' a pobresinha da idiota. Deus se compadeça della (*approxima-se do lugar*) O que tens, filhinha ? Soega. Resa uma *Salve Rainha* á Nossa Senhora dos Afflictos.

SCENA VII

LIBANINHO, MARIA D'ASSUMPCÃO e JOSEPHA

MARIA (*pelo F.*) Adeus, Libaninho. Você, por aqui, a estas horas!

JOSEPHA—Eu suppunha-te na Encarnação.

LIBANINHO—Ai, sim! Já devia lá estar. O Sr. padre Silvério tanto que me pediu !

MARIA—Aquillo, vai ficar um brinco! Você ainda não foi vêr?

LIBANINHO—Aínda não, D. Maria.

JOSEPHA—Tem umas sanefas de velludo, bordadas a ouro... Ai ! que coisa rica !

MARIA—E os reposteiros do altar-mór, de damasco carmesim ! Aquillo é que é luxo !—Eu nunca vi coisa igual !

LIBANINHO—Então, eu dou um pulo até là. Vocês me esperam, sim ? (*saida falsa*) Olhem, está ahi o Sr. Conego Dias a conversar com o Sr. Padre Natario e o Sr. Padre Brito. E' uma excellente companhia, enquanto esperam pela S. Joanneira.

JOSEPHA—A S. Joanneira saiu ?

LIBANINHO—Foi ao *Morenal*, com a pequena; mas d'aqui a pedacinho estão de volta—Ai, filhas ! vocês chegaram n'uma occasião mesmo a calhar para fazer uma obrinha de caridade.

MARIA—O que?

LIBANINHO—Tomar conta d'aquelle pobre de Christo, que ella está alli, está a entregar a alminha a Deus Nosso Senhor...

JOSEPHA (*encaminhando-se para a E. 2º*) Valha-me a Virgem Maria ! (*observando da porta*) Pobresinha da D. Gertrudes!

MARIA—Vai, Libaninho; não te demores. Na volta eu tenho uma coisa a conversar contigo.

LIBANINHO—Então, diga já, D. Maria.

MARIA—Não. Depois fallaremos. Não te quero atrazar. Vai á Igreja e na volta apparece por cá.

LIBANINHO—Bem, nesse caso é—um pé lá outro aqui. (*sae apressado pelo F.*)

SCENA VIII

MARIA e JOSEPHA

JOSEPHA (*descendo*) Ai, D. Maria ! a D. Gertrudes está *nas ultimas* !

MARIA—Pobresinha !(*vai á E. 2º*) D. Gertrudes? (*pausa*) Não attende. Deus te tome á sua conta. (*desce*) Tambem, falando com franqueza, D. Josepha, a morte, para aquella crea-tura, é um allivio. Dez annos de padecimentos !...

JOSEPHA—E' verdade, D. Maria. Muito tem soffrido aquella velhinha, depois dos 70 annos. Eu tenho pena é da S. Joanneira ! Ha de ser um golpe para ella... Sempre é uma irman...

MARIA—Pois olhe que cuidado bastante ella tem tido. Não se passa um dia em que o Dr. Gouveia não faça ao me-nos uma visita.

JOSEPHA—E' um bom coração, a S. Joanneira. A pequena, a minha afilhada, é que já não vai pelo mesmo caminho...

MARIA—Não vai, não, D. Josepha. Isso tambem digo eu. A Ameliasinha não pensa bem. Pois olhe, idade tem ella.

JOSEPHA—Veja, a Sra., o que aquella menina anda fazendo, com a teima de querer cazar com o João Eduardo. Um homem, que mal pode viver sósinho, como ha de sustentar familia? Um escrevente de cartorio...

MARIA—Mas, não sabe, a Sra., que elle está a pilhar o lu-gar de amanuense do Governo Civil?

JOSEPHA—Isso ha muito tempo que se diz... E, até hoje, continua na mesma.

MARIA—Agora é certo, D. Josepha. Agora é certo—O ra-paz pilhou uma boa protecção.

JOSEPHA—Qual foi ?

MARIA—O Dr. Godinho.

JOSEPHA—O dono d'aquelle jornal que descompõe os padres ?!...

MARIA—Sim, senhora : o Dr. Godinho d'A *Voz do Dis-tricto* !

JOSEPHA—Veja só que amizades tem o João Eduardo ! Tambem elle é um impio...um homem que não crê em coisa nenhuma...—Olhe, D. Maria, si eu lhe disser o que o mano Conego viu aquelle rapaz fazer, na sexta-feira da semana pas-sada...a Sra. benze-se !

MARIA (*curiosa*) O que foi ?

JOSEPHA—Comeu carne fresca !

MARIA—Na sexta-feira !?---Que perverso !---Mas, a S. Jo-anneira diz que elle é um bom rapaz...

JOSEPHA—E' verdade, a S. Joanneira gosta d'elle...Muito me admiro...

MARIA—E faz empenho de cazar a pequena.

JOSEPHA—Quem faz empenho não é ella: é, principalmente, o medico.

MARIA—Ah ! sim. A Ameliasinha tem andado doente... Mas, então, o medico aconselha que caze com o João Eduardo?

JOSEPHA—Com o João Eduardo, não. O que elle quer é que a pequena caze; não diz com quem, porque lá isso não é da competencia do medico.

MARIA—Mas, D. Josepha, o casamento já faz parte da Medicina?

JOSEPHA—Acho que—sim, D. Maria—A minha afilhada não anda bôa, isso é verdade: está pallida, tem grandes olheiras, anda impaciente, phrenetica, ás vezes soffre excitações de febre... vai para a cama...

MARIA—E o doutor não diz qual é a molestia ?

JOSEPHA—Estou-lhe a dizer, D. Maria. O Dr. só recomenda á S. Joanneira que caze a pequena, por uma vez.

MARIA—Não sei que molestia pôde ser... mas, sempre me parece que ella ganhava mais deixando o medico e fazendo uma promessa a Nossa Senhora d'Apparecida (*gemidos á E.*)

JOSEPHA—Vamos fazer quarto á pobresita da doente. Está só... Pôde morrer de um instante para outro.

MARIA—Admira como a S. Joanneira deixou-a, n'aquelle estado.

JOSEPHA—Contava que a Russa tivesse prestimo para soccorrel-a ; mas, tambem a Russa, anda que parece uma alminha de Deus ! Sempre com aquella tosse...(*saem pela E. 2º, fechando a porta*)

SCENA IX

A MARO (*só—entrando desvairado pelo F.*) Meu Deus ! Meu Deus ! Perdo-me !—O que fui eu fazer!—Um beijo ! Um beijo ! Beiei-a! quando ella pedia-me a mão protectora, para saltar uma abertura do vallado, na quinta!...E eu abusei! Fui traidor ! Cobarde ! Devasso!...Jesuz ! Jesuz!—Não posso continuar aqui, na mesma familiaridade, depois de haver mostrado, claramente, áquella moça, o meu amor, o meu erro, a minha esperança... Parece-me que já me vejo apontado ao dedo, escarnecido, reprehendido pelo chantre...suspenso, talvez !—

Depois, si eu persistir em vê-la na intimidade, entregue ás sugestões da paixão, poderá vir, outro momento, uma tentação mais viva... Ella não me tem indifferença, não! Eu bem o reconheço! Porém, é quasi noiva, quasi esposa... Não abandonará, decerto, a segurança d'aquele destino pelas incertezas de um sentimento equivoco... (*tomando uma resolução*) E' forçoso que eu abandone esta casal!—Oh! quanto me custará! Mas não importa (*dá alguns passos, encaminhando-se para a D. O Conego aparece.*)

SCENA X

AMARO e o CONEGO (*pela D.*)

AMARO— Foi Deus quem o mandou a esta sala. Ao menos, aqui, podemos fallar, sem receio de que alguem nos escute.

CONEGO—Mas, então, o que é?

AMARO—Sabe você, Padre Mestre? Ando triste... Esta cabecinha não regula... Não estou bom... Não vai bom isso...

CONEGO (*encarando-o*) Você, com efeito, anda amarelo. Ha um mez, quando chegou a Leiria, tinha bôas còres, estava forte... Você anda doente... Trate-se, homem, trate-se.

AMARO—Não—E' cá outra coisa. Sabe? estou com ideia de mudar de casa.

CONEGO (*admirado*) Mudar de casa!... Ora essa!... E porque?

AMARO (*confidencialmente*) Você percebe... Tenho estado a pensar... E' assim exquisito estar em casa de duas mulheres... com uma rapariga...

CONEGO—Ora, historias! Você é hospede. Deixe-se disso.

AMARO (*com intenção*) Não, Padre Mestre... Eu cá me entendo... (*suspira*)

CONEGO—Então, só hoje é que pensa n'isso, criatura?

AMARO—E' verdade. Tenho estado a pensar, hoje, n'isso. Tenho minhas razões...

CONEGO—Homem, seja franco.

AMARO—Sou.

CONEGO—Você acha isto caro?

AMARO—Não.

CONEGO—Bem, então é outra coisa...

AMARO—E— Você que quer? (*com malicia*) A gente tambem gosta do que é bom.

CONEGO (*sem comprehender*) Bem, bem, percebo: você, como eu sou amigo da casa, quer me dizer, por bons modos, que tem nojo de tudo isto...

AMARO (*contrariado*) Não. Não é isso...

CONEGO—Oh, homem! Você quer sair da casa? Por alguma coisa é. Ora, a mim parece-me que é melhor...

AMARO (*interrompeudo*) Mas, estou com esta ferrada. Veja, você, si me arranja alguma coisa: uma casita barata, com alguma mobilia...

CONEGO—Eu sei lá, homem! Isso é o diabo!... Emfim, veremos...

AMARO (*sentando-se tristonho*) Creia que é com bastante pesar, que ponho em pratica esta resolução...mas...convém-me fazel-o...devo fazel-o...sou forçado...(*encosta a cabeça entre as mãos, como que mergulhado em profunda meditação.*)

CONEGO (*reflectindo—comsigo mesmo*) Ora, a lembrança é exquisita, porém não deixa de trazer-me uma certa conveniencia: eu tenho economisado alguma coisa com as despezas da casa, depois da hospedagem do rapaz... Mas, não ha nada como a gente estar só. Tem-se mais liberdade, e não se precisa de andar com recatos romanescos—Si elle sair, augmento a mesada á S. Joanneira, lá isso é verdade...(*resoluto*) Que diabo! Ao menos está um homem á sua vontade. (*pensando*) Vejamos (*falla baixo, comsigo mesmo, como que procurando recordar-se de alguma coisa*) Não me lembro de nada... (*continua o mesmo jogo, subito como que tomado de uma ideia—alto*) Parece-me que se arranja tudo. (*senta-se junto de Amaro*) Ha uma casita, lá para os meus lados, que é um achado. Era do major Nunes, que vai mudado para o 5º

AMARO—Tem mobilia?

CONEGO—Tem mobilia, louça, roupa... Tudo...

AMARO—Então?

CONEGO—Então, é entrar para ella e começar a gosar.

AMARO (*levanta-se*) Obrigado, Padre Mestre, obrigado. Aceito (*encaminha-se para a D.*)

CONEGO—Nada. Vamos vê-la, primeiro. Pôde não te agradar...

AMARO—Desde que o Padre Mestre julga que serve-me, é de crêr que assim seja (*sae pela D.*).

SCENA XI

CONEGO, depois AMELIA, mais tatde S. JOANNEIRA

e JOÃO EDUARDO

CONEGO (*só*) Aqui ha mysterio!... O rapaz não tinha motivo nenhum... de repente...Não, não... Aqui ha coisa!...

AMELIA (*pelo F. Deixa-se cair offegante sobre uma cadeira*) Ah !...

CONEGO—Que é isso, tonta? D'onde vens tu a correr, oh, rapariga? Credo! Que doida!

AMELIA (*fatigada*) Vim a correr... (*levantando-se halucinada—comsigo mesmo*) Beijou-me! Beijou-me! Gosta de mim!...

CONEGO—Pareces-me uma criança! Sempre tem muita graça, uma moça de 22 annos, a correr, como os rapazes!—onde ficou tua mãe?

AMELIA—Veio commigo; está lá fóra, a conversar... nem eu sei com quem... (*aparte—delirante*) Como eu gosto d'elle!... Adoro-o!...

S. JOANNEIRA (*entrando pelo F. com João Eduardo*) Por mim, Sr. João Eduardo, nada resolvo. Falle-lhe, e o que decidirem está bem feito.

J. EDUARDO (*dirigindo-se a Amelia*) Boa tarde, minha Senhora. Vinha tão apressada, tão distrahida que, ao entrar em casa, nem me viu...

AMELIA (*aparte---contrariada*) Que homem insípido! Que massante!

J. EDUARDO (*aparte—referindo-se ao Conego*) Sempre as batinas! (*vai collocar-se junto da janella, fingindo não atender ao que se passa*)

S. JOANNEIRA (*ao Conego*) O Sr. parocho ainda não voltou?

CONEGO—Já voltou, tornou a sair, e já volveu ao aconchego da poltrona. Está lá, na sala, a conversar com o Brito e o Natario.

AMELIA (*com interesse*) Ah! O Sr. parocho está ahi?

SCENA XII

OS MESMOS, LIBANINHO, mais tarde AMARO, BRITO,

NATARIO, JOSEPHA e MARIA

LIBANINHO (*pelo F.—azafamado, agitando n'uma das mãos um jornal*) Isto é um desaforo! E' uma pouca vergonha! Não se tolera!... Corja!

CONEGO—Mas, o que tens?

LIBANINHO (*dando-lhe o jornal*) Leia, Sr. Conego. Leia este pasquim.

CONEGO—*A Voz do Distrito.* Mas, o que traz de tanto interesse?

LIBANINHO (*com grande pismo*) Pois não leu?—Ora, espere. (*vai á D. e chama*) Oh, Sr. parocho? Sr. padre Natario? Sr. padre Brito? (*os trez apparecem*) Façam o favor. Os Srs. já leram *A Voz do Distrito*?

NATARIO, BRITO e AMARO—Não. (*Josepha e Maria pela E. 2º*)

JOSEPHA—Que bulha está você fazendo!

LIBANINHO—E tenho muita razão.—Talvez não creiam? Pois, então, escutem (*desdobra o jornal e, indicando um ponto convencional entrega-o ao Conego*) Leia este artigo «OS MODERNOS PHARISEUS» (*voltando-se para Amaro*) E' um desaforo! E' um desaforo, Sr. parocho! E' uma pouca vergonha!—Leia, Sr. Conego.—Deixe o principio do artigo, que não tem importância, e leia d'aqui (*designa*)

CONEGO (*collocando os oculos*) D'aqui, não é? (Lê) «Mas pensam os leitores que os phariseus morreram? Como se enganam! Vivem! Conhecem os nós! Leiria está cheia d'elles»

LIBANINHO—Agora é que elas começam—Continue, Sr. Conego.

CONEGO (*lê*) «Tomemos ao acaso um dos typos: grosso como um touro, montado na sua egua castanha (*Brito faz um gesto de contrariedade*)

MARIA (*com indignação*) Até a côr da egua!

CONEGO (*continuando a leitura*) «Estupido como um melão, nem, siquer, sabe latim. Especie de caceteiro, desabrido de maneiras, mas que não desgosta de se dar á ternura, e, segundo dizem os bem informados, escolheu para Dulcinéa a propria e legitima esposa de seu regedor...»

BRITO (*furioso*) Eu racho-o de meio a meio!

NATARIO (*procurando contel-o*) Escuta, homem...

BRITO—Qual escuta! O que é é que eu racho-o! (*indo examinar o jornal*) Quem assigna? (*lendo*) «Um liberal!»

NATARIO—Ora, vá você saber quem é o *Liberal*.

BRITO—Não importa! Quem eu racho é o Dr. Godinho! o Dr. Godinho é que é o dono do jornal! o Dr. Godinho é que eu racho!!

J. EDUARDO (*aparte, triumphante*) Bravo! O meu artigo vai produzindo o effeito que eu desejava!...

S. JOANNEIRA (*procurando acalmar o padre Brito*) Olhe, Sr. padre Brito, que é um dever christão perdoar as injurias! Lembre-se de que Jesuz Christo tambem soffreu...

BRITO (*completamente desvairado*) Qual Christo! Qual cabaca!!... Eu não conheci o Christo! (*sensação geral*)

JOSEPHA (*recuando e benzendo-se*) Credo! Credo! Sr. padre Brito!

LIBANINHO (*levando as mãos á cabeça*) Nossa Senhora das Dôres ! que até pôde cair um raio !

AMARO—Brito, realmente, você excede-se.

BRITO—Pois, si estão a puxar por mim!...

AMARO—Homem, ninguem puxou por você. Apenas lhe lembrei, como devo, que em casos taes, quando se diz a *blasphemia má*, o Rev.^{mº} padre Scomelli recommenda confissão geral e dois dias de recolhimento a *pão e agua*.

NATARIO—Bem, bem... o Brito excede-se, commetteu uma grande falta, mas saberá pedir perdão a Deus,—e a misericordia de Deus é infinita !

CONEGO (*que durante o incidente tem estado a percorrer o artigo—Lendo*) «Conheceis um outro, com cara de *Furão*?» (*Todos olham para Natario*) «Desconfiai delle : si puder trahir-vos não hesita; si puder prejudicar-vos, folga. As suas intrigas trazem o cabido n'uma confusão, porque é a vibora mais damninha da diocése; comtudo isso, muito dado á jardinagem, porque cultiva, com cuidado, *duas rosas do seu canteiro*.»

AMARO (*indignado*) Ora, esta !

NATARIO—E' para que você veja. Que lhe parece ? Você sabe que quando eu fallo das minhas *sobrinhos* custumo dizer —*as duas rosas do meu canteiro*—E' um gracejo. Pois senhores, até vem com isto !

J. EDUARDO (*aparte*) Hei de arrancar-lhes a mascara ! Camarilha de hypocritas !...

NATARIO (*livido de indignação*) Mas, amanhan hei de saber de quem é isto; hei-de!

S. JOANNEIRA (*acalmando-o*) Deite ao despreso, Sr. padre Natario.

NATARIO (*com uma ironia rancorosa*) Obrigado, minha senhora...

CONEGO (*continuando a ler*) Ora, ouçam mais este pedacinho (*lê*) «Conego bojudo e glutão, que foi caceteiro do Sr. D. Miguel, que foi expulso da freguesia de Ourem, antigo mestre de moral n'um seminario, e hoje mestre de immoralidade em Leiria...»

AMARO—Isso é infame !

CONEGO (*procurando occultar a colera*) Você pensa que me dá cuidado ? Bôa ! Tenho que comer e que beber, graças a Deus ! Deixem rosnar quem rosna.

JOSEPHA—Não, mano; mas a gente sempre tem o seu bocadinho de brio.

CONEGO—Ora, mana ! Ninguem lhe pede a sua opinião.

JOSEPHA (*offendida*) Nem preciso que m'a peçam ! Sei dal-a, quando quero e como quero. Si você não tem vergonha tenho-a eu !...

MARIA (*acalmando-a*) Então ! Então, D. Josepha ! Isso é feio...

CONEGO (*tirando os oculos*) Menos lingua, mana, menos lingua ! Olhe que faço-lhe cair os dentes postiços !

JOSEPHA (*tremula de raiva*) Seu malcriado !! (*cáí com um ataque nervoso—S. Joanneira, o Libaninho e Maria conduzem-a para dentro pela E.*)

MARIA—Estás doida ? Por quem és, filha ! Olha que es-candalo ! Nossa Senhora te valha !

SCENA XIII

OS MESMOS, menos a S. JOANNEIRA, MARIA e o LIBANINHO

CONEGO—Não se incomodem. Aquillo passa. São ca-lores ! (*voltando-se a Amaro*) Oiça, agora, você, que é a sua vez. (*colloca de novo os oculos e lé*) « Mas, o perigo são certos padres novos e ajanotados, parochos por influencia de certos condes da Capital, vivendo na intimidade das familias de bem onde ha donzelas inexperientes, e aproveitando-se da influencia do seu sagrado ministerio... (*sensação de Amelia*)

AMARO—Perdão, eu não quero ouvir mais, Padre Mestre. Basta.

CONEGO—Homem, escute...

AMARO—Desculpe, Padre Mestre, não me interessa.—Isto é uma serie de calumnias sem motivo, sem base, sem coisa alguma. Não tem importancia. (*outro tom*) Em todo o caso... a mim parece-me...sim, é a minha opinião que se deve avisar a autoridade...

NATARIO—Isso é que é ! Isso é que é uma bôa ideia !

AMARO—E' necessario fallar ao secretario geral; fazer suspender o jornal ; pôr o clero ao abrigo dos insultos.

CONEGO—Mas, quem lhe ha de fallar ?

NATARIO—Hei de ser eu, eu mesmo.

AMELIA (*aparte—em desalento*) Padres ajanotados, que se aproveitam do seu ministerio...!! Não ha que duvidar... A elle e a mim é que se refere... Meu Deus ! Já todos sabem ! Que vergonha ! (*os padres têm se-grupado ao F. e parecem discutir o artigo do jornal.*)

NATARIO—E' a tal liberdade d'imprensa, tão decantada !

BRITO—Um desaforo! E nada se faz. Si são todos os jornaes do Reino unanimes em abusar das leis da liberdade... Seria preciso suspendel-os, todos...

CONEGO—Mas, o Dr. Godinho, que é a alma do jornal, é oposição; proteger-lhe o jornal é implicitamente proteger-lhe as manobras eleitoraes... Ora, o secretario geral não quererá...

NATARIO—Nada, nada! Vocês sabem o que é melhor? Eu hei de saber quem é o *Liberal*—Hei de sabel-o, e hoje mesmo. Quem o esmaga não é o Governo Civil, sou eu! (*continuam a gesticular*)

SCENA XIV

OS MESMOS S. JOANNEIRA e o LIBANINHO (*pela E.*)

J. EDUARDO (*aparte*) Foi uma bomba, o meu artigo! Muito bem! A primeira cartada foi de mestre!—E' preciso proseguir. (*conserva-se encostado a janella*).

S. JOANNEIRA (*dirigindo-se a Amelia—baixo*) Ouviste o que diz aquelle jornal? Parece-me que se refere a ti (*Amelia baixa o olhar, envergonhada*) Sabes o que esteve a dizer-me, ainda ha pouco, o Sr. João Eduardo? Que se falla muito, na cidade, do artigo do *Districto*; que quando se pergunta a quem allude o periodico, dizendo: donzelas inexperientes, respondem logo—quem ha de ser? a Amelia da S. Joanneira. O Sr. João Eduardo está desgostoso, afflito, e não se atreve, por delicadeza, a fallar-te.

AMELIA (*lacrymosa*) Mas, o que hei de eu fazer, *mãe*?

S. JOANNEIRA—Eu digo-te isto para teu governo. Faze o que quizeres, filha. Bem vejo que são calumnias; mas tu sabes quanto pódem as linguas do mundo... Eu, por mim, o que fazia, para obrigar a calar a toda essa gente, já—era cazar-me. Sei que tu não morres pelo rapaz, sei... Deixa lá... Isso vem depois... O Sr. João Eduardo é bom moço, tem um emprego, é trabalhador... Emfim, tu farás o que entenderes... (*retira-se para o grupo dos padres, que está ao F.*)

AMELIA (*comsigo mesmo*) Elle é um padre! Este amor irreflectido e equivoco só pôde dar-me a vergonha e o escandalo... Pois, eu hei de ser a *muller do parochio*?—Não! Não! E' preciso que o esqueca... e hei de esquecel-o—Devo cazar-me... pôr a minha reputação ao abrigo dos attaques grosseiros da calumnia... Sim, é preciso tomar uma resolução. (*dirigindo-se carinhosamente a João Eduard*) Porque foi que me não disse que estava zangado commigo?

J. EDUARDO (*brandamente*) Mas, eu não estou zangado consigo.

AMELIA—Está, está. A mamãe contou-me tudo.

J. EDUARDO—Mas, não estou zangado, menina Amelia. Apenas, fallando-se do artigo que veio na *Voz do Distrito*, o que eu disse foi que, desde os primeiros dias, tenho percebido a sua sympathia pelo parocho (*movimento de Amelia*) Não desconfio de si; sei que a senhora é seria e honesta; que cumprirá a sua palavra; conheço-lhe a sua educação devota, e tenho convicção de que—a estima, a quasi humildade para com Amaro, resulta d'elle ser o padre, o confessor, o que absolve, o que dá o Paraíso... Porém, receio esse valimento beato; temo a influencia meiga e tyrannica dos padres nas mulheres.—Desde que senti o lento predominio do parocho, nesta casa, comecei a impacientar-me. Desejo apressar o casamento. Quero tiral-a desta sociedade de padres e beatas.

AMELIA—E porque não o faz?

J. EDUARDO—Já lhe tenho dito que só poderei fazê-lo quando obtiver o lugar que ha muito tempo espero—de amanuense do Governo Civil.

AMELIA—Pois bem; então, por que impacientar-se? Por que fazer conjecturas sobre perigos que não existem?

J. EDUARDO—Oh, si existem! Ultimamente, tenho saído desta casa, sempre desconsolado e infeliz—A senhora, quasi, não falla commigo. Vejo-a toda enlevada para o parocho. Já por vezes tenho tido impetos de dizer-lhe: Menina Amelia, está me a dar um grande desgosto com esses modos com que trata o padre Amaro!...

AMELIA—E por que não o tem dito?

J. EDUARDO—Porque sinto-me acanhado. Receio offendê-la... e contento-me em concentrar, commigo mesmo, os meus pezares (*continuam a dialogar por mimica*)

NATARIO (*no grupo do F.*) À respeito do *Liberal*, havia uma creatura que m'o dizia logo, sem rebuço, com todas as syllabas.

AMARO—O Dr. Godinho?

NATARIO—Não, homem:—o Agostinho, o redactor do jornal. (*mostrando a mão fechada*) Tenho-o aqui. Possuo um segredo que, divulgado, dará com o meu Agostinho na enxovia.

CONEGO—E então?

NATARIO—Dizem que foi para Lisbôa! Veja você que fatalidade! E demora-se um mez! Foi comprar typo novo para o jornal.

CONEGO—Olé! Typo novo!...

BRITO—A corja prospéra!

AMELIA (*a João Eduardo*) Escute: sabe qual é a maneira de fazer calar o mundo? (*debruça-se nos braços de João Eduardo—chorando*)

J. EDUARDO—Diga-me: e quer que o façamos calar?—E' cazarmos. Porém já, n'uma semana (*com meiguice*) Quer?

AMELIA (*tremula e hesitante*) Quero...

J. EDUARDO (*tomando-lhe as mãos*) Olhe para mim! Seja bôa!

S. JOANNEIRA (*descendo com os outros*) Deixemos a questão do jornal—Creio que tenho uma noticia para dar-lhe, Sr. parocho. (*a João Eduardo*) Já se pôde dizer?

J. EDUARDO—Parece-me que sim.

S. JOANNEIRA—Sabe? O Sr. João Eduardo ha de ir, amanhã, fallar consigo, á Sé. E' por causa dos papeis. (*sensação de Amaro.*)

AMARO—Que papeis? Do casamento?...

S. JOANNEIRA—Sim; do casamento... Um dia havia de ser. (*Amaro mostra-se visivelmente contrariado*)

CONEGO—Mas...não esperava melhorar de emprego? Já o conseguiu?

J. EDUARDO—Devo obtel-o por estes dias.

AMARO (*disfarçando a perturbação*) Estimo; estimo bastante (*á S. Joanneira*) Elle é bom rapaz!

LIBANINHO—Leva uma mocetona!

CONEGO (*sorrindo*) Deus os faça felizes, e lhes dê poucos filhos, porque a carne está cara!

AMARO (*aparte*) Ella caza-se! Caza-se!... Melhor assim! Cada um no seu destino: ella na familia, eu na igreja! (*alto*) Deus ajude-os. (*afasta-se tristemente*)

NATARIO—Amen!

LIBANINHO—Santo Ignacio tem sete *Padre Nossos*, pela felicidade de vocês (*ouvem-se gemidos, cada vez mais fortes.*)

S. JOANNEIRA—Jesuz! E' a minha doente! (*apressa-se em aproximar-se da E., 2º, abrindo a porta*) Meu Deus! Meu Deus! (*todos aproximam-se pressurosos—menos Amaro*)

CONEGO—O que é?

BRITO—Mandem vir o medico!

LIBANINHO—Uma vela benta! Pobresinha! Está entregando a alma a Deus! (*chamando*) Sr. parocho? Accuda aqui!

AMARO (*despertando da concentração em que se achava*) Cazam-se! cazam-se! Pois que cazem...e que os levem o Diabo! (*encaminha-se para o grupo*)

SEGUNDO ACTO

TERCEIRO QUADRO

Em casa do padre Amaro—Saleta pobremente trastejada com alguma mobilia antiga—Janella ao F.; portas lateraes; um divan; mesa de pinho com livros e papeis—Nas paredes, quadros de imagens—Porta ad fundo com reposteiro meio corrido, deixando vér um oratorio.

SCENA I

AMARO, só

(*Ao levantar o panno, dorme recostado ao divan—Sonhando*) Fujamos!... Assim!... Assim!... Onde é a porta do Céu?... Ah ! Vai-te ! vai-te... Satanaz!... (acordando e erguend-ose em sobresalto) Foi um sonho!... Era um grande espaço celeste... Eu fugia com ella... O diabo perseguia-me... E eu a conservava apertada, esconedndo-a, cobrindo-a de orações, devorando-a de beijos!... Mas, a estrada alargava-se... não findava!... E eu perdia-me... Perguntava « Onde está Deus?... » e, ninguem sabia responder-me...—« Durmamos, meu amor »—E, deitados de costas, viamos de perto as estrelas... quasi que as tacavamos com os dedos!... Mas, as nuvens começaram a condensar-se, em volta... Desmaiei, beijando, n'uma febre, o rosto e o collo d'ella... delirando... rasgando-lhe os vestidos... sentindo as suas carnes... vendo-as palpitar... e ella arquejava, murmurando:—Amaro, quero-te!... Depois era o diabo que me surgia... Depois... Senhor ! Senhor ! Que pesadello !(*olhando em torno de si*) Completamente só ! E será sempre assim!... Já que a não posso amar, não a quero vér... E já que a não tenho, a ella, tão linda, tão cheia de encantos... não terei outras... Por ella iria alegremente ao encontro do Inferno... mas, por outras... não !(*pausa—pensativo*) Só ! sempre só !... E o que fará ella a esta hora?—Cóse (*ciumento*) Talvez que tenha ao pé de si o noivo... Maldito!... E eu amo-a tanto! tanto!... Mas, eu não posso amar, não sou livre... não posso entrar claramente n'aquellea casa, esposar aquellea mulher, possuila sem peccado... Por que sou padre! Porque fizeram me padre!—Não fui eu que abdiiquei voluntariamente a virilidade do meu peito! Impelliram-me para a Igreja como um irracional! E a igreja, a sábia Igreja, porque prohíbe ella, assim, aos seus sacerdotes, homens vivendo entre homens, o grande contentamento humano—o Amor? Que fabuloso orgulho, o de uma seita, de um sistema, que pretende, pela sua autoridade, fazer as forças do sol, as forças da seiva, as forças do sangue! Quem imagina que, desde que um

velho bispo diz : *serás casto* a um homem novo, forte, vivo e sensivel, os seus nervos vão immobilisar-se, o seu sangue vai esfriar-se ? e que uma velha palavra latina.—*accedo*—dita pelo siminarista assustado será bastante para conter a rebelião formidavel do corpo e do desejo ?—E quem inventou isto ? Quem o decretou ? Um velho concilho de bispos decretos vindos do fundo dos seus claustros, da paz das suas escolas, tropejos e tremulos, mirrados como pergaminhos, inuteis como eunucos !... O que sabiam elles da Natureza e das suas tentações ? E que importa á Natureza ? Ella continua sublime, forçando o homem ao Amor, quer elle seja padre, quer elle seja escravo—tão indiferente á Igreja, que se erriça e ralha, como o leão é indiferente a uma cadellinha que ladra. Não sabiam os santos padres, elles, que, mais que ninguem, estudavam a carne, e os seus mysterios...sabiam que tudo se illude, tudo se evita, menos o Amor ? E si elle é fatal, porque impediram que o padre o sentisse e realisasse com pureza, com dignidade, com respeito ?—E' melhor, talvez, que o vá procurar, de noite, pelas viellas obsenas !.....No emtanto, todos os livros Santos fallam de Amor !...

SCENA II

AMARO e NATARIO

NATARO (*pela E.*) Oh, Amaro ?

AMARO (*voltando-se sobre saltado*) O que é ?

NATARO—E' o escrevente !

AMARO—Que escrevente ?!

NATARO—O João Eduardo ! E' elle !

AMARO—Mas o que !

NATARO—O autor do artigo—Elle é que é *O Liberal* ! Foi elle quem escreveu o artigo !

AMARO—Oh ! que patife !!!

NATARO—Tenho provas, meu amigo, tenho provas. Vi o original, escripto pela letra d'elle. O que se chama—*vér*—Cinco tiras de papel !—Custou ! Custou ! mas soube-se de tudo !—Cinco tiras de papel ! E quer escrever oûtro !(*passeando a largos passos—com riso sarcastico*) E' o senhor João Eduardo ! E' o nosso rico amigo João Eduardo !

AMARO (*incredulo*) Você está certo disso ?

NATARO—Certissimo ! Estou a dizer-lhe que vi ! (*aproximando-se—outro tom*) Olha que foi *uma campanha*! O Agostinho voltou de Lisboa, e eu fui logo fallar-lhe, tirar-lhe o segredo...Agostinho, ao principio, resistiu... (*mostrando-lhe a*

mão fechada) Mas, eu o tenho aqui, meu amigo ! Percebe você ? Tenho-o aqui ! Não sabe porque ?— O Agostinho falsificou, aqui ha annos, em Lisboa, a assignatura de um amigo meu; eu tenho as provas ! Desde esse momento, o homem pertence-me, é meu; posso deixal-o andar, livremente, pelas ruas, ou atiralo para uma enxovia ! Por consequencia, já se vê, disse-me, logo, tudo, mostrou-me as *provas* emendadas, o original... tudo !

AMARO—Isso é extraordinario !

NATARIO (*passeando*) A mim não me admira nada ! nada ! O tal João Eduardo é um maroto antigo ! um homem sem religião ! nunca vai a missa ! escarnece os padres ! é calumniador ! pedreiro livre ! ha 4 annos que não se confessa ! é a escoria da sociedade ! Um intrigante ! invejoso ! perdido de dividas... (*batendo um socco na mesa*) Tenho provas ! Tenho provas !

AMARO—Mas agora, o que fazer ?

NATARIO—O que fazer ?! Ainda você m'o pérgunta ! Agora, é esmagalo !

AMARO—Como ?...

NATARIO—Em primeiro lugar, é necessário desmanchar-lhe o casamento

AMARO (*soffrego*) Você acha ! ?

NATARIO—Pois ha de se deixar cazar uma rapariga com um bregeiro, um desbochado, um pedreiro livre, uma alma perdida ?

AMARO (*visivelmente satisfeito*) Com efeito ! Com efeito !

NATARIO—E' desmanchar-lhe o casamento ; mas—já—Não estar lá com coisas...—E' já !—

AMARO—(*cada vez mais satisfeito*) Você acha, hein ? (*abraçando-o*) Você acha ? (*fitando-o alegremente*) Este Nataro !... Mas, como você soube tudo ? ! (*completamente desorientado, ri e abraça Nataro*) Você é o diabo, homem !

NATARIO—Agora, escuta o plano do combatte:—Você vai ter com a S. Joanneira... Não... E' melhor que lhe falle o Conego Dias ; o Dias é que deve fallar com a S. Joanneira. Vamos pelo seguro. Você falle á pequena e diga-lhe que o despreze... que rompa com elle... que o ponha fóra de casa... Já fallei á irman do Conego; d'aqui a pouco, ella ha de vir procurar-te com a menina.

AMARO (*vivamente*) Com Amelia ?

NATARIO—Sim. A pequena não sabe para que a trazem aqui suppôe que é uma simples visita, que vem fazer-te. Diz que, ha muito tempo, lá não vais...

AMARO—Desde que levei os ultimos sacramentos á idota, nunca mais visitei a casa da S. Joanneira.

NATARIO—Bem. Melhor occasião não pôde você encontrar. Tem-a em casa... Falla-lhe á vontade... Olhe: diga-lhe que elle vive, ahi, de casa e pucarinho, com uma desavergonhada...

AMARO—Homem! mas, eu não sei si é verdade...

NATARIO—Ha de ser. Elle é capaz de tudo. Emfim, é um meio de levar a pequena. (*confidencialmente*) E depois, meu caro amigo, tenho-lhe outra preparada...

AMARO—O que?

NATARIO (*tomando-lhe o braço, baixo, com satisfação feroz*) Cortar-lhe os recursos.

AMARO (*horrorizado*) Cortar-lhe os recursos!!...

NATARIO—Oiça. Elle estava para ser empregado no Governo Civil, primeiro amanuense, não é assim? Pois bem, não ha de ser! Mas, nunca ha de ser!

AMARO—Deus me perdõe, Natario, mais isso é perder o homem!

NATARIO (*rancoroso*) Em quanto o não vir por essas ruas a pedir um bocado de pão, não o largo!

AMARO (*aterrado*) Cale-se, homem! Nem diga isso, aqui, que Deus está a ouvil-o!

NATARIO (*com um sorriso maligno*) Não lhe dê cuidado, meu amigo. (*com fingida devocão*) Que, de mais a mais, penso eu, o que faço é para bem de Deus! Deus serve-se assim... Não é a resmungar *Padre Nossos!* (*outro tom*) Resumindo: o Conego Dias falla á S. Joanneira, você falla á pequena. Eu, por mim, me entenderei com a gente do Governo Civil. Encarreguem-se vocês do casamento, que eu me encarrego do emprego (*battendo ao ombro de Amaro*) E' o que se chama—attacar pelo estomago e pelo coração. Adeusinho, que as pequenas estão á minha espera. Pobresinhas! A Rosita tem estado muito indefluxada! Até amanhã? (*sáe pela E.*)

AMARO (*distrabido*) Até amanhã.

SCENA III

AMARO só—depois JOSEPHA e AMELIA

AMARO—Que fera! (*reflectindo*) E devo, eu, aceitar a cumplicidade desta intriga?... romper o casamento?... Mas, si o não fizer, si for escrupuloso, timorato... Ella caza! Será de outro!... Impossivel! Impossivel! Desfarei o casamento! Calumniarei, si for necessario!... E depois, não é justo que

eu procure avisal-a ? que lhe revele as qualidades más do novo ?(convencido) Sim ! Sim ! Achei um motivo supremo ! imperioso ! inilludivel ! ... Elle é um atheu ! Eu sou o parocho, tenho o dever de subtrahil-a a tão funesto destino ! De certo... Devo impedir esse cazamento. E' um dever obstar a que aquela alma catholica e devota vá pertencer a um espirito atheu e diabolico !

JOSEPHA (*pela E.—com Amelia, de luto*) Dá licença, Sr. parocho ?

AMARO (*indo recebel-as*) Oh ! Que agradavel surpreza !

JOSEPHA—Esta menina queixava-se de que o Sr. parocho não se lembra mais da casa da S. Joanneira.

AMELIA—E' verdade. Desde a morte da tia Gertrudes nunca mais o Sr. parocho procurou a nossa casa.

AMARO—Tenho tido affazeres, minha menina, muitos affazeres. De mais, agora estou longe...neste retiro...

JOSEPHA (*baixo a Amaro*) O Sr. padre Natario já lhe fallou ?

AMARO (*baixo a Josepha*) Já. Deixe-nos a sós.

JOSEPHA (*alto*) Bem, dá licença, Sr. parocho ? Eu vou alli, visitar a tia Dionysia (*sáe pela E.*)

SCENA IV

AMARO e AMELIA

AMARO (*aproximando-se de Amelia*) Que tem ? Está tremula ?

AMELIA—Tenho andado nervosa, desde a morte de minha tia.

AMARO—Console-se; resigne-se. A pobre creatura deve estar no Céu. Acabaram-se-lhe os tormentos. Dez annos entrevada!...Esqueçamos esse desgosto.—Sabe que veio a esta casa muito a propósito ? Tenho uma coisa muito seria, que lhe dizer...(*Amelia encara-o timidamente*) A respeito do seu seu cazamento.

AMELIA (*friamente*) Ah !...(*Amaro fal-a sentar-se e senta-se junto d'ella*)

AMARO (*com brandura*) Faz mal em se cazar. (*Amelia baixa os olhos*) Faz mal. Digo-lh'o como padre e como amigo. Esse homem vai fazer a sua desgraça.

AMELIA (*receiosa*) Mas...

AMARO—Oica. (*aproximando, ainda mais, a cadeira*) A menina não sabe nada. O João Eduardo é um desavergonhado, um calumniador, um mau homem !...

AMELIA—O que está a dizer ?

AMARO—Digo-lhe isso. A menina não o conhece. E' um mau homem.

AMELIA—Oh, Sr. parocho...

AMARO—Escute, menina Amelia. Eu não lh'o queria dizer. Lembra-se d'aquelle artigo d'*A Voz do Districto*, em que nós todos eramos insultados, calumniados, escarnecidos ? Em que a senhora mesma era offendida em sua honra ? Lembra-se ?

AMELIA—Então ?

AMARO—Foi elle quem o escreveu !

AMELIA (*levantando-se*) Não pôde ser !

AMARO—Oiça. Sente-se—Foi elle; tenho provas, *minha filha*. O Natario viu o *original*, escripto pela letra d'elle. E' um homem sem religião, é um intrigante... Quem cazar com elle, *minha santa*, fica em peccado mortal. Liga a alma á de um heretico !—Ha 4 annos que elle não se confessa !

AMELIA (*chorosa e envergonhada*) Jesuz ! Jesuz !

AMARO—E de resto, veja que destino ! Terá de abandonar as suas praticas, as suas devoções, não voltar a igreja... Si quizer confessar-se, o que elle fará ! que discussões !! que desavenças !!—Terá de romper com todas as amigas de sua mãe, com as suas relações. A gente de bem voltar-lhe-á as costas... Não imagina que inimigos tem, esse homem ! Não ha ninguem, que elle não tenha escandalizado... (*Amelia escuta-o imóvel, com os olhos fitos no chão, em posição contrita*) E, depois, lembre-se que perdição para sua alma !... Si tiver filhos, como elles serão educados ! Por tudo uma questão; por ir á missa, por jejuar... Ou terá de fazer-se, como elle, um hereje, uma perdida, ou a sua casa será um Inferno ! (*Amelia enxuga uma lagrima. Amaro segura-lhe um dia mao, continuando com voz carinhosa*) E pensa que um homem assim pôde ser bom coração? estimal-a? ser-lhe fiel?—Sem religião não ha caracter. O homem que não crê, que não pratica—é um animal. Nada lhe repugna: nem a calumnia, nem o roubo, nem a traição. Veja o que elle fez! Escrever aquelle artigo ! E, repare, quasi que a ia desacreditando, a si !... E' capaz de tudo !— E, á hora da morte, que remorsos ! Quando visse chegado o ultimo momento ! sabe que esses impíos nem a extrema-uncção recebem ?—Que destino ! morrer sem sacramento... morrer como um cão !

AMELIA (*hallucinada, agarrando fortemente ao braço de Amaro*) Não !! Não !!...

AMARO (*continuando*) E depois...o Inferno! os tormentos! a agonia eterna...

AMELIA—Pelo amor de Deus ! (*soluçando*) Pelo amor de Deus ! (*chora*)

AMARO (*enlançando-a nos braços*) Não chore, minha filha...Vê? E' porque gosta delle, que está a chorar ! E' porque gosta d'elle, não é verdade ? (*Amelia faz, com a cabeça, um gesto negativo*) Escute, olhe, fie-se em mim, abra-se commigo.

AMELIA (*delirante*) Mas, o que hei de eu fazer ?

AMARO—Não case. Não ha banhos publicados, não ha nada feito. Diga lhe que não quer cazar, que sabe de tudo, que o detesta. Eu a guiarei, eu a aconselharei. Sim ? (*Amelia não responde—Amaro repete com sofrégidação*) Sim ?—Estarei sempre a seu lado ! Serei tão seu amigo !—Deixe-me estar ! Magô-o-a ? E' como si fôsse seu irmão. Está a tremer ?... (*aproximando-se, rosto a rosto*) Sou tão seu amigo !... Quero ser o seu guia, o seu confessor... Deixe-se estar. Faço-lhe mal ? Olhe: perde um marido, mas ganha um irmão—Não imagina : desde o principio, tenho tido, por si, uma amizade !... Mais do que isso: desejava estar assim toda a vida, ficar aqui, ao pé de si, como agora... Olhe para mim... Diga-me: estima-me muito ?... (*ouve-se ruído de passos—Amelia levanta-se rapidamente e dirige-se para o F., correndo o reposteiro da porta*)

SCENA V

AMARO e JOSEPHA

JOSEPHA (*pela E.*) Estou de volta. Ai, Sr. parochio ! a sua criada, a Delphina, está quasi *vai não vai*.

AMARO—Bem sei, D. Josepha. Já estou resolvido a tomar outra para o meu serviço.

JOSEPHA—A Dionysia disse-me que, mais logo, ha de vir fallar-lhe.

AMARO—Ora, D. Josepha; a Dionysia tem uma popularidade equivoca. Nos ultimos 10 annos não tem havido na cidade—parto occulto—adulterio—intriga amorosa—em que ella não seja cumplice.

JOSEPHA—Mas, enfim, é serviçal, subtil, discreta, calada, cheia de expediente...

AMARO (*aparte—como que tomado de uma inspiração subita*) Quem sabe si eu não precisarei d'ella...? (*alto*) Pois, está dito. Fica a Dionysia a meu serviço; mas, é excusado dar á lingua a esse respeito...

JOSEPHA— Pois, eu direi... A pobresinha pediu-me tanto !...

AMARO—Mudando de assumpto (*a meia voz*) O que me diz á do João Eduardo ?...

JOSEPHA—Ai ! nem me falle n'isso, Sr. parocho ! nem me falle n'isso, que até tenho estado doente!... O Sr. padre Natario contou-me tudo ! Ai, aquelle maroto ! Aquella alma perdida ! Escrever semilhante desaforo !...

AMARO—E ainda a Sra. não sabe do melhor.—E' um homem devasso ! sem religião ! não se confessa ! o seu prazer predilecto é intrigar Deus e todo o mundo ! Embriaga se ! perde sombras avultadas nas jogatinas !...

JOSEPHA (*absorta*) Que me está a dizer !?!

AMARO—E' verdade, minha rica senhora.

JOSEPHA—Pois, Sr. parocho, a mim queria me parecer isso mesmo. Eu nunca o disse, nunca ! Que lá isso...esta boquinha nunca se ocupou com vidas alheias...Mas tinha cá um palpite : aquillo era para enganar á S. Joanneira e á pequena. Agora, bem se vê tudo pelo claro. Um coisa assim ! Eu...foi criatura que nunca me cahiu em graça, o tal Sr. João Eduardo (*outro tom*) Mas, então, agora, Sr. parocho, o casamento...desmiancha-se ?

AMARO—Pois, ahi é que está a difficultade, minha rica senhora. O casamento é impossivel, isso está claro. Não se pôde deixar uma pobre rapariga ir unir-se, por toda a vida, a um maroto ! um pedreiro livre ! um hereje ! um homem que não se confessa ha 4 annos !?...

JOSEPHA—Credo, Sr. parocho !

AMARO—Não se confessa, ha 4 annos, digo-lhe isto.

JOSEPHA—Mas, é necessario fallar á S. Joanneira, convençer a pequena...

AMARO—Pois, é justamente para isso que lhe quero, D. Josepha. Eu já fallei com a rapariga; disse-lhe tudo; aconselhei-a, por bons modos, já se vê ; expuz-lhe que ia perder a alma, ter uma vida desgraçad....Emfim, fiz o que pôde, minha senhora, como amigo e como parocho. E disse-lhe claramente que rompesse com o João Eduardo.

JOSEPHA—E ella, já se sabe, concordou ?

AMARO—Pois, ahi é que está ! Não disse que—sim—nem que—não. Poz-se a choramingar, a soluçar...Afinal, a rapariga não sabe o que quer. Ella não gosta d'elle, está claro; mas, quer cazar, tem medo que a mãe morra, que se veja só... Emfim, sabe o que são moças...Ora, eu pensei que o melhor era a senhora fallar-lhe. A senhora é amiga da casa, é madrinha, conheceu-a de pequena...

JOSEPHA—Ah ! Isso fica por minha conta, Sr. parocho, fica por minha conta.

AMARO—A rapariga precisa de quem a dirija...Aqui para nós, precisa de quem a confessasse. Ella confessase ao padre

Silverio; mas, sem querer dizer mal, o padre Silverio não vale nada. Muito bôa pessoa, muita virtude, mas o que se chama *geito*...não tem nenhum. E' um acanhado, qualquer coisa o assusta; do que ella precisa é de um confessor severo, que lhe diga; *para alli!* e sem replica. A rapariga é uma alma fraca; precisa de um homem que a dirija com uma vara de ferro.

JOSEPHA—O Sr. parocho é que a devia confessar.

AMARO (*com fingida modestia*) Não digo que não. Havia de aconselhal-a bem; sou amigo da familia, acho que Amelia é boa moça, e digna da graça de Deus. Mas, enfim, eu não posso ir dizer-lhe:—a menina, agora, ha de confessar-se a mim! Eu, n'isso, sou muito escrupuloso...

JOSEPHA—Mas, digo-lh'o eu, Sr. parocho!

AMARO—Ora, isso é que era um grande favor; era um bem que fazia áquella creatura...porque, enfim, minha senhora, o que nós queremos é salvar-lhe a alma!... Olhe, falle-lhe das penas do Inferno, cite os exemplos da Jacintha e da Raymunda, que tiveram fins desastrosos por desobedecer á Igreja, ligarem-se a homens sem religião, e não terem um confessor severo...

JOSEPHA—Fique descansado, Sr. parocho, fique descansado!

AMARO—Mas, falle-lhe, de véras! Diga-lhe o peccado que é, represente-lhe a hora da morte...

JOSEPHA—Deixe-a commigo.

AMARO—Minha senhora, acredite no que lhe digo: é um serviço que presta á religião. (*saida falsa—voltando-se*) Ella está alli, no oratorio; chame-a, aconselhe-a. Eu retiro-me, para deixal-as á vontade; porém fico á espreita (*sae pe! a D.*)

SCENA VI

JOSEPHA e AMELIA

JOSEPHA (*encaminhando-se para o F.*) Seja tudo pelo amor das Chagas de Jesuz!... Vai muita desgraça, por este mundo!... Até aquella alminha de Deus! (*chamando, á porta do F.*) Amelia?... Basta de rezar. Vem cá para fóra.

AMELIA (*apparecendo, receiosa*) Onde está o Sr. parocho?...

JOSEPHA—Não se trata d'elle, agora.—Já sabes do que fez o tal João Eduardo?

AMELIA—Foi o Sr. parocho quem lhe disse (*suspira*, Custa-me a acreditar em tanta coisa!

JOSEPHA—Um perdido! sem religião, sem respeito a

ninguem ! um intrigante !...Até ha provas de que elle é cúmplice n'um roubo !...

AMELIA — Mas, o que hei de eu fazer ? Depois de ter dito o — *sim* — de começar o enxoaval, de estar nas vesperas de cazar... não posso romper com elle, só porque escreveu um artigo no jornal.

JOSEPHA — Cala-te, rapariga, cala-te ! que estás a metter a tua alma no Inferno ! Pois caza-se lá com um homem que se não confessa, ha 4 annos, que é um hereje, que desacredita os padres, e que escreve nos periodicos contra a religião ?

AMELIA (*timidamente*) — Mas, talvez elle depois mudasse....

JOSEPHA — Defende-o ! Defende-o ! Bem se vê que está pelo beiço ! Eis ahi o que vocês são, todas ! Sem os homens não ha coisa nenhuma ! Nos homens é em que pensam ! E a tua alma, criatura ? E a salvação de tua alma (*Amelia chora*) Qual ! Tu és como as outras ! Bem te importa, a ti, com Deus, com as chagas de Christo, e com as dôres de Nossa Senhora ! O que tu queres é um marido (*Amelia chora*) Ai filha ! olha que eu digo-te isto para teu bem ! A mim pouco se me dá. Caza ! Caza !

AMELIA (*enxugando os olhos*) —Mas, si a *mãe* me falta ?...

JOSEPHA — Sabes o que eu te digo ? E' que — quem mais soffre, mais agrada ao Senhor. Não te hão de faltar maridos. E no ultimo caso, tinhas o Recolhimento de Jesuz !

AMELIA (*horrorizada*) Um convento ! ?...

JOSEPHA — Nada mais natural ! Nada mais bonito ! Uma vida tranquilla e toda consagrada a Deus... Não te agrada ? — *Minha filha*, ouve os meus conselhos...

AMELIA — Mas, depois de lhe ter dito que — *sim* — hei de agora...

JOSEPHA — Olha, sabes de uma coisa ?—confessa-te.

AMELIA — A quem ?

JOSEPHA — Ao Sr. parocho. Guia-te por elle, conta-lhe a tua situação, pede-lhe os bons conselhos, a santa direcção, abandona-te a elle. E' um homem virtuoso e sabio ; as suas palavras são persuasivas... E' um santo ! Confessa-te a elle.

AMELIA (*em desalento*) — Valha-me Deus ! Valha-me Deus !...

JOSEPHA — Ai ! si te custa muito, é outro caso—Deixa—Caza, caza com o homem ! Eu digo-te isto para te levar no bom caminho ; assim Nosso Senhor me allumie e me tenha na sua guarda ! Mas, bem... si não podes... O Sr. t

parocho tinha-me fallado nisto. Eu lhe direi que tu queres, a todo o custo, o hereje... que estás apaixonada por elle...

AMELIA — Mas, não estou ! Não lhe diga isto !... Jesuz ! Que hei de fazer ? Tanto que tenho soffrido ! Ando como louca ! Não durmo ! tenho sonhos maus ! idéas fixas !...

JOSEPHA (*gravemente*) Castiga este corpo, filha ! (*pausa*) Eu bem sei o que sentes... Tive disso, em moça... As vezes parece que a gente tem brazas cá por dentro (*indica o peito*) E' preciso penitenciar-se e dizer : *Pelas chagas do Senhor, que padeceu por mim, padeço eu por elle !*... Confessa-te, rapariga. Faze penitencia. Anda, vai rezar, pede perdão a Deus, e que te dê juizo ! (*acompanha Amelia á porta do F.* — *Amelia ajoelha-se diante do oratorio, deixando o reposteiro aberto* — *Josepha dirige-se á D.*) Sr. parocho ?

SCENA VII

JOSEPHA e AMARO

AMARO (*apparecendo á porta da D.*) Então ?

JOSEPHA — Lá está a rezar. não imagina, Sr. parocho... Ora quer cazar com o escrevente, ora não quer... Não se anima a dizer-lhe que *não*... Depois, diz que o detesta... Tem coisa má. Bem pôde socregar aquella alminha, Sr. parocho. (*aproximando-se da porta*) Psitt ?... (*Amelia volta a cabeça, levanta-se e desce*) Aqui lh'a deixo, Sr. parocho. Eu vou fazer uma visita á Amparo da Botica, e á volta, venho-a buscar. (*a Amelia*) Deus te allumie essa alma, *filha*. (*sae pela E.*)

SCENA VIII

AMARO e AMELIA

(*Amelia senta-se, tristemente, junto da janella*)

AMARO (*sentando-se no 1º plano quasi ao centro, tendo junto de si outra cadeira*) E' melhor vir para aqui (*Amelia levanta-se e vem ajoelhar-se aos pés de Amaro.*) Para que ? (*fazendo-a levantar-se*) Aqui está melhor (*indica-lhe a cadeira vasia*) Não é uma confissão... Quero, apenas, dar-lhe alguns conselhos. Conte-me o que tem, o que sente... (*Amelia conserva-se com a cabeça baixa, levando, de vez em quando, o lenço aos olhos*) Diga-me, então : tem estado muito triste ? (*ella faz, com a cabeça, um gesto afirmativo*) E pensou no que eu lhe disse ?... Falle ! (*momentos de silencio*) Falle ! — Tem receio ? De que ? Sou seu amigo ; é como si fôsse seu irmão.

AMELIA (*erguendo os olhos para elle*) Que lhe hei de eu dizer ?

AMARO (*fortemente emocionado, erguendo-se um pouco, aparte*) Tão bella ! Tão infeliz !... Tenho, até, impetos de adorar-a ! (*senta-se, de novo, olha para ella, tenta fallar, e retrai-se, como vencido por um sentimento estranho.*)

AMELIA — Pergunte. Eu lhe direi a verdade.

AMARO (*depois de alguns instantes de hesitação*) Gosta muito desse homem ? (*Amelia conserva-se immovel, com os olhos fitos no chão*) Vê ? E' que gosta d'elle ! (*impaciente e cioso*) E' que anda doida por elle ! E' que ha alguma coisa !

AMELIA (*supplicante*) Não ! Não !...

AMARO (*insistente*) Gosta ! Bem conheço ! Pensa em tudo menos em romper com elle !... (*hesita, procura fallar e reconsidera — depois de alguns momentos*) E... então... e não se lembra... não se lembra de que Christo padeceu por si ?... (*avarte, contrariado*) Nem sei o que dizer-lhe !

AMELIA — Mas, que quer ? Diga-me ; aconselhe-me...

AMARO — O que quero ? (*completamente desorientado*) Quero que me... (*reconsiderando*) Não... não... O que quero é que salve a sua alma... que esqueça esse homem, que é para si o inimigo, o tentador, como se fôsse o demônio ! Quero que se deixe guiar por mim... Sabe o que quero ? Não sou eu que quero, eu não fallo por mim ! é Deus, que lhe falla ; são aquelles santos, a Virgem, que tanto soffreu ! Christo, que agonisou por nós !... é toda a religião, que lhe pede que seja bôa, caridosa, temente ao Senhor, pontual nos seus deveres christãos... Ora, com esse homem, não seria sinão uma hereje, uma criatura fóra da Igreja, uma ovelha má !... (*Amelia, durante esta falla, parece obedecer a um domínio estranho — chora*) Porque chora ?

AMELIA — Não sei o que sinto... Tenho soffrido... Nem eu sei explicar... Aconselhe-me, diga-me o que hei de fazer; eu obedeço-lhe. Mas não me ralhe... Que hei de fazer ?

AMARO — Esqueça-o ! Rompa com elle !

AMELIA (*com voz sumida*) Estou resolvida a fazel-o.

AMARO (*parece sentir, subitamente, um vivo contentamento — retomando a entonação grave*) Oh ! minha querida filha ! Creia que Deus está comigo ! Pertence toda a Deus (*mostra-se perturbado, indeciso ; depois, tomando a mão de Amelia — com ternura*) Amelia, diga-me... (*retraindo-se — com ciúme*) E .. outra coisa : elle fallava-lhe muito em amor ?

AMELIA — Pouco.

AMARO — E já esteve só, com elle, alguma vez ?

AMELIA (*depois de alguma hesitação*) Uma só.

AMARO (*soffrego*) E diga-me... elle deu-lhe um beijo, por exemplo? !... (*ella não responde — Amaro parece interrogar com o olhar*) Deu?

AMELIA (*commovida e vexada*) Para que me faz tantas perguntas?

AMARO — Percebo! (*silencio—outro tom*) Sabe de uma coisa? Devia mandal-a sair d'aqui sem absolvição! — E tem cartas dela?

AMELIA — Duas.

AMARO — E o que dizem?

AMELIA — Que quer cazar commigo. Só. São coisas sem maldade; até diz — *minha senhora*...

AMARO (*com autoridade*) E' preciso mandar-lh'as, immediatamente. (*outro tom*) Pensava nelle apaixonadamente, desejando o dia do casamento?

AMELIA (*depois de curto silencio*) Não (*supplicante*) Mas, para que me faz tantas perguntas?

AMARO — Bem. Faça o acto de contrição.

AMELIA (*ajoelha-se*) « Senhor Deus todo poderoso... »

AMARO (*interrompendo-a*) Não! Não! Escute! (*com intenção*) E, diga-me: gosta de outro? (*silencio—com interesse*) Gosta? Mas diga-m'o! diga-m'o!

AMELIA (*vencida e exausta, encarando-o, com olhar significativo*) Bem sabe que sim!

AMARO (*levanta-se, e atraiendo Amelia, enlaça-a nos braços—com ternura*) E eu! Si soubesse!... Estou louco por si! Adoro-a! — Não se assuste... E' um amor puro! E' uma adoração!... Nem eu sei!... E' como si fôsse uma santa! Tenho, ás vezes, vontade de lhe rezar! De dia, de noite, não penso senão em si! Ao dizer a missa tenho-a tão presente!... Nem eu sei... — E tu?

AMELIA — Eu! ?... Bem sabe como ando...

AMARO (*tirando d'algibeira uma medalha pendente de cordão*) Olhe... tome esta medalha; deite-a ao pescoço. E' para se lembrar de mim. Beije-a, reze-lhe todas as noites. E' como si eu estivesse ao pé de si! (*Amelia, tremula e assustada, toma a medalha e beija-a febrilmente, deita o cordão ao pescoço, e como que tomada de uma resolução subita, dá alguns passos para sair—Amaro detém-a*) Não! Não! (*Amelia cai ajoelhada. Amaro ergue-a docemente e beija-a.*)

AMELIA (*febricitante e exausta*) Oh! Fazes-me doida!.. (*desprende-se-lhe dos braços.*)

AMARO — Escuta...

AMELIA — Não! (*ouve-se bulha — Amelia fica perplexa sem saber onde occultar-se.*)

AMARO — Vai-te!... Por alli. (*indica a D. — Amelia sáe.*)

SCENA IX

AMARO e o TIO ESGUELHAS

ESGUELHAS (*côxo—pela E.*) Nosso Senhor nos dê muito bons dias. Dá licença, Sr. parocho ?

AMARO — Adeus, tio Antonio.

ESGUELHAS — Oh, Sr. parocho? (*hesitante, coça a cabeça.*)

AMARO — O que é ? Vamos, falla.

ESGUELHAS — E' que morreu ahi uma pobre de Christo, lá para os meus lados... Pobresita ! E, então, o filho não queria, sim, tinha *a modos que repugnancia* que ella fosse atirada á valla...

AMARO (*encolhendo os hombros*) E que queres que eu faça ?

ESGUELHAS — Sim, mas é que, quando o Sr. chantre quer, pôde conceder uma migalhita de terreno... Si vossa senhoria fallasse ao Sr. chantre... A gente não gosta lá muito da valla...

AMARO — Pois eu fallarei ao Sr. chantre... Lá isso não seja a duvida.

ESGUELHAS — Beijo-lhe as mãos, Sr. parocho. Seja pelo amor de Deus.

AMARO — Porém, preciso que tambem tu me sirvas...

ESGUELHAS — Prompto, meu senhor. Pôde dizer.

AMARO (*mysterioso*) Ouve — Hâ ahi uma pessoa que quer ir para freira, lá para o estrangeiro...

ESGUELHAS — Bem tola !

AMARO — Tu sabes que os padres que atraem as mulheres a essa profissão, tem um crime ?...

ESGUELHAS — Caspité !

AMARO — Eu ando a educar uma menina para ella ir professar em França ; não o posso fazer em casa della, porque os pais oppoem-se ; não quero fazer na Igreja, onde ha publicidade...

ESGUELHAS — Está visto...

AMARO — Ora, si tu deixasses, eu a levava lá para tua casa, onde ninguem a vê. Percebes ?

ESGUELHAS — Oh ! Sr. parocho ! Eu, a casa, e tudo o que me pertence lá está ás suas ordens.

AMARO — Bem vês... E' no interesse da religião !...

ESGUELHAS — Já se deixa vêr.

AMARO — A rapariga tem vocação. Parece que Deus...

ESGUELHAS — Está claro ! E' andar.

AMARO — Tu sáis, deixas a porta da cusinha cerrada, e a porta que abre para os terrenos vagos, na aldraba...

ESGUELHAS — Ha de se fazer a coisa bem. Cá o mestre sineiro não deixa ninguem ficar mal...

AMARO (*impondo silêncio*) E disto... nem pio...

ESGUELHAS — Mau ! Isso nem se recommenda, Sr. parrocho.

AMARO — Vamos fallar ao Sr. chantre (*põe o chapeu e a capa, e sae pela E. com Esguelhas.*)

SCENA X

AMELIA, só—depois JOÃO EDUARDO

AMELIA (*entrando pela D, receiosa*) Saiu !?... (*delirante*) Oh ! Amo-o ! Amo-o ! (*outro tom*) Onde iria elle ? Terá demora ? (*aproxima-se da janella—recuando aterrorizada*) Ah ! Meu Deus ! (*oculta-se no quarto do oratorio, correndo o reposteiro.*)

J. EDUARDO (*pela E.*) Ella ! Ella, aqui ! Na casa do padre !?... (*procurando-a*) Mas, eu a vi ! Estava á janella! (*correndo o reposteiro do F. e encontrando-a—arrasta-a para a scena*) — Ah ! Não me enganava !... (*Amelia folheia distra-hidamente um livro que encontra em cima da mesa.*) O que faz nesta casa ? O respeito religioso obriga, tambem, uma donzella, a procurar os padres, em suas proprias casas ? (*Amelia continua indiferente — J. Eduardo bate no livro, fazendo-o cair das mãos de Amelia*) São as rezas ? E' o beatério ?...

AMELIA (*resoluta*) O senhor é um homem sem religião ! e anda, por ahí, a desacreditar todo o mundo !

J. EDUARDO — Eu !?...

AMELIA — O senhor ! Pois quem escreveu aquelle desaforo no *Distrito* ?

J. EDUARDO (*surpreço*) E quem lh'o disse ?

AMELIA — Todo o mundo o sabe. O Sr. padre Amaro é que o conhece bem ! (*encaminha-se para o F. encostando-se á janella, com as costas voltadas para J. Eduardo.*)

J. EDUARDO (*com raiva concentrada*) Ah ! E' o Sr. padre Amaro !?... E é por causa do Sr. padre Amaro !?... Eu bem o previa...

AMELIA (*ternamente — encaminhando-se para elle*) Oh ! Não me odeie... Não... (*interrompendo-se, arranca do pescoço a medalha, beija-a loucamente, e diz n'um tom ameaçador.*) Não o quero vér! não o quero ouvir, Sr. João Eduardo ! O que lhe peço é que nunca mais appareça diante de mim !... (*saindo*) Está tudo acabado entre nós ! (*desaparece pela D.*)

SCENA XI

JOÃO EDUARDO, só.

(*Durante algum tempo, conserva-se immovel — Depois deixa-se vencer por um pranto vehemente, ao mesmo tempo que, lançando as mãos ao pescoço, com impeto nervoso, rasga o collarinho, como que sentindo-se abafado, e exclama angustiado*) E não ha uma lei para esmagar esse padre !!...

PANNO

TERCEIRO ACTO

QUARTO QUADRO

Em casa da S. Joanneira — A mesma decoração do 1º acto

SCENA I

S. JOANNEIRA, JOAQUINA GANSOSO, MARIA

D'ASSUMPCÃO (*conversam*)

JOAQUINA — Foi uma festa explendida !

MARIA — Pudera ! Si eu, hoje, estou aqui, devo a N. S. da Piedade ! Olhe que quasi *bati a bota*, faz agora um anno, D. Joaquina ! Tive uma pneumonia que... Deus nos acuda ! Reduziu-me á *espinha* ! Foi, então, que fiz a promessa a N. S. da Piedade... e fiquei bôa...

S. JOANNEIRA — E que concurrenceia enorme teve a sua festa, D. Maria ! Quasi que não se podia a gente mover, dentro da igreja ! Quem eu lá não vi foi o Libaninho ! Anda agora fugitivo... Já aqui, em minha casa, custa a apparecer !

MARIA — Poucas vezes o tenho visto, e d'essas mesmo, sempre acompanhado por um tenente do regimento, chamado, não sei porque — o *Pilha Eirozes*.

JOAQUINA (*com un sorriso malicioso*) Ai ! não admira que andem agora sempre juntos : — estão na *lua de mel* !... Fallemos de outra coisa... Você reparou, S. Joanneira, como o Sr. parocho se apresentou bem vestido ? Aquillo é uma roupinha que não lhe havia de custar pouco...

S. JOANNEIRA — E' toda bordada a ouro ! A minha Amélia ficou encantada ; disse que nunca viu paramentos tão ricos.

MARIA — E' verdade : onde foi ella, a Ameliasinha ?

S. JOANNEIRA — Está deitada. Anda-me, agora, sempre doente... acho-lhe o *quer que seja*, na phisyonómia...

JOAQUINA — Quem sabe si não é *mau olhado* ?...

S. JOANNEIRA — Quando ella volta da Igreja, vejo-a sempre, um pouco pallida, com um ligeiro rosado na faces, olhar languidos... Não sei mesmo o que pôde ser...

MARIA — Porém, ella não se queixa ?

S. JOANNEIRA — Quando lhe pergunto si sente alguma coisa, responde-me que é fraqueza, e pede-me caldos... E depois, D. Maria, tem umas distracções uns suspiros ! uns caprichos exquisitos !... E ir á igreja, fazer a penitencia, volta para a casa completamente mudada... Sabe o que me parece, D. Joaquina ? Que a rapariga está apaixonada, por não cazar com o João Eduardo.

JOAQUINA — Oh, deixe lá !

S. JOANNEIRA --Digo-lhe isto.

MARIA — Eu vejo-a, sempre, na mesma. Não lhe tenho achado diferença.

S. JOANNEIRA—Qual ! Parece-me, assim, *a modo*, estonteada... Tem olhar de doida... Anda preguiçosa... Emfim, não sei, mas alli ha novidade...

JOAQUINA —Ora, S. Joanneira, isso é scisma !

S. JOANNEIRA — Olhem, ainda outro dia, sem razão alguma, encontrei-a chorando, debruçada na cama. Perguntei-lhe o que sentia : « E' nervoso, *mamãe*, não vale nada » Outra vez, voltou da igreja, tremula, com o rosto ardente, com o genio excitado, e logo, desde a escada, gritou com a criada, atirou com a porta, não quiz jantar, e á noite appareceu com os olhos vermelhos de chorar !— Perguntei-lhe o que tinha : « E' nervoso, *mamãe*, não vale nada !... »

MARIA —E talvez seja.

S. JOANNEIRA —Qual D. Maria, Amelia nunca soffreu dos nervos ! Não, não... Ha de ser qualquera outra coisa... Olhe, si ella fosse cazada, eu já tinha desconfiado... Vejo-a inquieta, com o olhar *exquisito*, muito aborrecida, nos dias em que não vai á Sé...—A rapariga está pelo beiço, digo-lh'o eu !

JOAQUINA — Mas, então, quem mandou romper com o homem ? Foi por vontade della, creio eu...

S. JOANNEIRA—E' verdade; mas, então, que quer ?— Ella, assim, nos primeiros momentos, ouviu dizer taes coisas do rapaz, que abandonou-o...Mas, lá no fundo, morre por elle. Pois, olhe que nunca tal suppuz !

MARIA—Nem eu.

JOAQUINA—Nem eu.

S. JOANNEIRA—Até, ás vezes, desconfio que elles entendem-se occultamente; mas—como ? não sei... Ella não aparece á janella, só certos dias na semana vai rezar á Sé, *uma* hora, ás vezes *duas*. Foi uma penitencia que o Sr. parochio lhe impoz: rezar *trez estações* a Nossa Senhora, *trez* vezes por semana.

JOAQUINA—Ó que me está dizendo !? Pois o Sr. parochio impoz-lhe essa penitencia ?!

MARIA—E por quanto tempo ?

S. JOANNEIRA—Não marcou. Já lá se vão quasi dois meses. E' em penitencia, por ter tido amizade ao João Eduardo. Ella assim o diz... e lá n'isso... a minha pequena não mente.

MARIA—Pois eu acho um castigo muito pesado !...

S. JOANNEIRA—Assim me parece—A rapariga vem sempre amarella, cheia de fraqueza; ás vezes precisa, logo, de

tomar um caldo...—Outro dia, ao almoco, de repente, depois de beber um copo de leite, teve um enjôo e uma ancia... foi para o quarto, afflita, com vomitos que a saccudiam, e desmaiou. No dia seguinte, si bebia leite, si bebia chá verde, voltavam as afflictões... Eu quiz mandar chamar o doutor, mas, a menina oppoz-se, toda assustada, a que o medico a examinasse...Emfim, não posso comprehendêr que seja outra coisa: aquillo é ressentimento, são saudades do escrevente.

SCENA II

AS MESMAS, NATARIO, depois AMELIA,

NATARIO (*coxeando*) Ora, dão licença ?(*todos vão recobrando*)

S. JOANNEIRA—Oh, Sr. padre Natario !

MARIA—Está melhor ?

JOAQUINA—Já pôde andar ?

NATARIO—Vou melhor, mas ainda não posso fazer firmeza sobre a perna. Ah ! minhas senhoras, si eu me livrar desta, nunca mais monto a cavallo. Olhem que foi uma queda valente !(*senta-se—Amelia, vagarosa e tristemente pela D.*) Olé ! Bons olhos a vejam !(*Amelia cumprimenta a todos em silêncio*) Está doente ?

AMELIA—Não, senhor.

JOAQUINA—Parece pallida...

MARIA—Tem olheiras... (*Amelia toma um espelho e examina attentamente o rosto*)

S. JOANNEIRA—O que estás vendo ?

AMELIA—Nada, mamãe.

NATARIO (*para Amelia*) Sabe que aquelle tal João Eduardo anda, por ahi, como um cão?...

MARIA—Mariola !

JOAQUINA—Em minha casa não torna elle a pôr os pés !

NATARIO—Eu é que o conheço bem ! A mim não me engana elle ! Foi despedido da casa do tabellião.

JOAQUINA e MARIA—Bem feito !

S. JOANNEIRA—Pobre rapaz ! Fica sem ter o que comer !

NATARIO—Que beba ! Que beba ! Pois, elle não faz agora outra coisa. Anda escurraçado de todos...

JOAQUINA—O Sr. padre Natario prestou um grande serviço ao clero e a todos nós, perseguindo aquelle maltrapilho.

NATARIO (*feroz*) E em tudo o que elle tentar, em tudo o que pretender ha de encontrar-me pela frente !(*para Amelia*

que continua a mirar-se ao espelhinho) E agora, o que lá vai lá vai ! Livrou-se de uma fera, é o que lhe posso dizer.

MARIA—Noivos não te hão de faltar !

JOAQUINA—Estás na graça do Senhor, *filha* !

S. JOANNEIRA—O que tens tu, hoje, com este espelho, menina ?(*A melia deixa o espelho e vai encostar-se tristemente á janella*)

SCENA III

OS MESMOS e PADRE BRITO

BRITO (*pelo F.*) Muito bom dia !(*a Natario*) Sabes que o mariola foi perdoado ?

NATARIO—Devéras ? Ora esta !

S. JOANNEIRA — O que foi ?

BRITO — Eu lhe conto: Aqui ha dias, quando enterrou-se o Bento Ferreira, já era noitinha, quando o padre Amaro sahia do cemiterio. Chegando ao portão surgiu-lhe um sujeito, bebado a cair, e desandou uma bofetada no parocho.

MARIA — Credo ! Que malvadez !

BRITO — Agarraram-o logo, cercaram-o, empurraram-o, n'um grande alarido. Havia uma indignação geral. Nisto apareceu o administrador do concelho e prendeu o bebado. Ora, ninguem imagina quem elle era !...

JOAQUINA — Quem era ?

BRITO — O João Eduardo.

S. JOANNEIRA — Pois o João Eduardo fez isso ?!...

NATARIO — Si elle deu em andar constantemente embriagado... Dizem que é de desgosto. Pelo que vejo o desgosto tem privilegio de esponja...

MARIA — Que desavergonhado !

BRITO — Pois, imaginem que o homem foi solto !

JOAQUINA — Como assim ?

BRITO — Estava se lavrando o auto, em casa do administrador, quando surgiu o meu padre Amaro e pediu que perdoassem o criminoso, que o João Eduardo estava embriagado, que a religião nos manda perdoar... e não sei o que mais...

MARIA—O que mediz, Sr. padre Brito! Pois o Sr. parocho fez isso ? Vejam só que coração ! Aquillo é um santo !

NATARIO — Mas, fez muito mal, D. Maria. Nestes casos, a compaixão é prejudicial. Devia deixar que castigassem aquelle perdido.

S. JOANNEIRA — E onde está elle, Sr. padre Natario ? Disse que foi despedido do cartorio...

NATARIO — Sei lá !... Não o tenho visto. Felizmente !

felizmente ! Que eu era bem capaz de applicar-lhe esta bengala !...

BRITO — Dizem que foi para Lisbôa.

NATARIO—Dizem. Si fôr verdade, só desejo que não pise mais em Leiria. (*Amelia toma de novo o espelho, e tristemente examina o rosto.*)

BRITO — Bom. Eu vou á casa do Dias ; está bem doente a irman (*a Natario*) Não vais vêla ?

NATARIO (*levantando-se*) Homem, aproveito. Vamos. O Dias tem razão para estar extremecido commigo. Tambem, levantei-me da cama ante-hontem. O maldito animal ! (*despedem-se.*)

MARIA (*levantando-se*) Vamos, tambem, D. Joaquina ?

JOAQUINA (*idem*) Vamos, D. Maria. (*aos padres*) Aproveitámos a companhia. Eu mesmo queria visitar a D. Josepha. A pobresinha tem estado tão doente !... (*despedem-se.*)

S. JOANNEIRA— Si a pequena estiver melhor, tambem lá appareço. Adeus, D. Maria. Adeus, D. Joaquina.—*Seu* padre Brito, desculpe-me á D. Josepha, sim? Si eu puder, mais logo, vou visitá-la. (*acompanha-os até a porta do F.* — *Sáem — Amelia, sempre cabixbaixa, desaparece pela D., fechando a porta.*)

SCENA IV

S. JOANNEIRA, só— depois PADRE AMARO

S. JOANNEIRA (*descendo*) Amelia ? (*não a encontrando*) Já se foi para o quarto. Senhor ! mas o que terá aquella menina ? — Não pôde ser outra coisa : é paixão. — Quem lhe mandou romper com o rapaz ? Lá si elle é o que dizem : um perdido, um desbocado, um caloteiro... isso não sei. A mim sempre me pareceu um rapaz de bem, e ainda o considero um moço muito honrado. Não se confessar é mau, é uma desgraça... mas, quem sabe ? Talvez que elle se emendassem. Lá, o artigo do periodico, a fallar a verdade, é uma velhacada ; mas, sempre direi : eu não o vi escrever. Além disso — rapiadiadas todos fazem...

AMARO (*apparecendo ao F.*) Deus esteja nesta casa!

S. JOANNEIRA — Oh, Sr. párocho ! Meu Deus ! Que milagre foi este ? Ha tanto que não apparece !...

AMARO — E' verdade, minha senhora. Tenho andado tão ocupado ! Não me sobra tempo para nada.

S. JOANNEIRA — Dou-lhe os parabens. Fez uma figura brilhante, hoje, na festa da D. Maria.

AMARO — Assistiu, S. Joanneira ?

S. JOANEIRA -- Si assisti!! Pois eu podia lá perdel-a...? Além de tudo, foi uma distração para a pequena. Coitadita ! tem andado tão acabrunhada ! cheia de doençasinhos exquissitas e inexplicaveis !...

AMARO — Bem o desconfiava eu. Olhe, S. Joanneira, ha 8 dias que ella não me apparece na Sé. Tenho extranhado, e, francamente, foi o motivo que me trouxe aqui. Ella é uma moça religiosa, e não deixaria de cumprir uma penitencia, si não por motivos de força maior.

S. JOANNEIRA — E' verdade, Sr. parocho, eu não sei mesmo explicar que molestia é aquella (*outro tom*) E já agora, diga-me : é exacto que o senhor impoz-lhe a penitencia de ir, 3 vezes por semana, á igreja, resar 3 terços a Nossa Senhora?

AMARO (*confundido*) Eu... Ah ! sim... sim... é... fui eu...

S. JOANNEIRA — Ella m'o tem dito, mas eu, ás vezes, duvido...

AMARO — Por que ?

S. JOANNEIRA — Acho um castigo tão pesado !... A menina, sempre que vem da igreja, traz olheiras, tem os olhos amortecidos, queixa-se de fraqueza... Parece que acabou de um trabalho muito fatigante...

AMARO (*affectando um tom sentencioso*) Isto é bom. Deixe-a castigar o corpo (*aparte*) Si ella soubesse...!

S. JOANNEIRA — E depois, Sr. parocho, a menina anda nervosa, não come, tem sobresaltos, caprichos banaes... Em-fim — faz uma diferença completa do que era... Olhe, hoje, á volta da festa, deitou-se, e só ha bocadinho levantou-se e saiu do quarto... porém, coisa notavel ! não disse nem uma palavra a quem aqui estava, e, durante todo o tempo, que demorou-se fóra do quarto, esteve a mirar-se a este espelho. — De repente, desapareceu, e lá está, outra vez, deitada... Ella não se queixa de molestia nenhuma ; pelo contrario, até fica exasperada quando lhe fallo em chamar o medico... Não sei o que pôde ser aquillo, Sr. parocho, mas creio que V. S. interro-gando-a, ella lhe dirá tudo.

AMARO — Julga que sim, minha senhora ?

S. JOANNEIRA — De certo—ella tem-lhe muita confiança e muito respeito — Olhe, eu vou lá para o sotão mudar de roupa : quero ir fazer uma visita á comadre Josepha, a irmã do conego Dias, e enquanto estou lá em cima, veja o Sr. parocho si consegue arrancar o segredo d'aquelle creatura — Eu vou-me — Bata-lhe á porta do quarto e chame-a.

AMARO — Vá tranquilla. Hei de fazer o que fôr possivel.
(*S. Joaneira sae pela E.*)

SCENA V

AMARO, só; depois o CONEGO

AMARO — A penitencia tem-lhe feito mal !... Pobre mãe, que tudo ignora !... E continuará a ignorar, porque assim é necessário... Eu sou padre, não poderei constituir-me o esposo d'essa mulher, devo limitar-me á condição de amante ! Entre o padre e o casamento levanta-se uma muralha —a própria Igreja ! (*encaminha-se para a D.*)

CONEGO (*pelo F.*) Ora, graças a Deus! (*a Amaro*) Andava mesmo desejoso de encontrar-te a geito. Quero te fallar.

AMARO (*surpreço*) Então, o que é?

CONEGO — Homem, eu não sou de meias palavras. Você anda a fazer uma grande maroteira. (*Amaro faz um movimento para fallar*) Você desencaminhou esta pobre rapariga! Ora, isso é uma canalhice !

AMARO (*amedrontado*) Mas, que rapariga ?

CONEGO — Homem, eu vi ! Excusa de negar !

AMARO — Mas...

CONEGO — Eu já andava desconfiado. A S. Joanneira, muitas vezes fallou-me da tal penitencia. Fiquei *de pé atraç*. Uma penitencia que a faz voltar para a casa — pallida, enfasiada, com olheiras... deve ser coisa extraordinaria! Um dia, soube que a rapariga estava na igreja, rezando. Entrei — não a vi ! Bom ! disse cá commigo, temos obra ! Procurei-a no altar mór, na sachristia, perguntei a uma velha que resava, e... nada ! Fui conversar para defronte, na botica do Carlos, e dahi a pouco vi a pequena, muito seria, descer da Sé. Caleime, não revelei nada á S. Joanneira. Tornei a espreitar, e, um dia, vi-a entrar, de novo, na Sé. Segui, logo atraç d'ella, de vagarinho, e ainda a pôde avistar, dirigindo-se para a ala direita, para sair pela porta do *Córo*. Esperei um momento, dei-lhe tempo, sahi, tambem, pela porta do *Córo*, e avistei a pequena a dobrar, toda rente ao muro, para o casebre do seneiro !... — « Oh ! que velhaca ! » disse eu ; « pois ella vai fazer a penitencia na casa do seneiro!?... » Entrei na sachristia, sentei-me, e esperei —Uma hora depois, abria, você, a porta, vindo do pateo que communica com a casinha do tio Esguelhas !... Comprehendi que, tambem você, frequentava a casa do seneiro... (*energico*) Pois, meu amigo, isto é a maroteira das maroteiras !

AMARO (*depois de algum silencio*) Diga-me uma coisa : o que é que o senhor tem com isso ?

CONEGO (*indignado*) O que tenho ! ? Então, o senhor

ainda me falla n'esse tom ? O que tenho é que vou d'aqui, imediatamente, dar parte disso ao vigario geral.

AMARO (*significativo*) Ah ! *seu maroto* !...

CONEGO (*offendido*) Que é lá ? Que é lá ?

AMARO (*seriamente*) Olhe que eu já o vi, uma vez, metido no quarto da S. Joanneira...

CONEGO — Mente !

AMARO — Vi, vi, e vi ! — Vi-o no quarto d'ella. O senhor estava em mangas de camisa, e ella a vestir-se, a apertar o *attacador*, por signal. E até o senhor ouviu o meu tropélio e perguntou: « Quem está ahi ? » Ora, ahi tem! Vi-o eu, como estou vendo-o agora ! — O senhor a dizer ao chantre, e eu a provar-lhe que o senhor... Portanto, *bico* !

CONEGO (*fitando-o*) Que grande traste, que você é !

AMARO — Traste por que ? Sim, diga lá — Temos, ambos, culpas no cartorio, meu caro. E, olhe que não andei a espreital-o : foi por accaso. (*baixo*) Porque, si me vem lá com coisas de moral, isso não pega! Eu faço isto, o senhor faz aquillo, os outros fazem o que pôdem. A culpa não é nossa. Por consequencia é fazermos costas...

CONEGO (*fitando Amaro, com um sorriso malicioso*) Mas, você, homem, no começo da carreira!...

AMARO (*no mesmo tom*) É você, Padre Mestre, no fim da carreira !...

CONEGO — Que maganão !

AMARO — E disto á mãe, *bico* ! Porque, si disser alguma coisa, você commigo se ha de haver, Padre Mestre! Tão certo como estar aqui—ponho-me, ahi, pela cidade, a dizer, a torto e a direito, que o vi com a S. Joanneira...

CONEGO — Pois, *seu velhaco*, tem dêdo!

AMARO — Que quer você ? Que diabo ! A gente vai, vai...

CONEGO (*sentenciosamente*) Homem! E' o que se leva de melhor, deste mundo !

AMARO — E' verdade, Padre Mestre—E' o que se leva de melhor, deste mundo ! (*outro tom*) Mas, olhe, a S. Joanneira foi ao sotão, mudar de roupa, para sair; deixou-me aqui ficar para fallar á pequena, a vêr si ella explica o motivo de certas amofinações e exquisitices, que tem lhe apparecido de tempos a esta parte...

CONEGO — Ah! você ainda pretende que ella se explique...? Isto quer dizer, em bôa linguagem, que eu os deixe ficar á vontade. Bem. Eu me retiro; mas, veja lá! olhe que não quero escandalos !... Aqui não é a casa do sineiro (*saindo*) Até este, que tem fama de santidade ! (*sáe pela E.*)

SCENA VI

AMARO e AMELIA

AMARO (*logo que o Conego sáe chega-se á porta da D, bate e chama*) Amelia ? Amelia ? Sou eu, Amaro !

AMELIA (*pela D. atirando-se, hallucinada, nos braços de Amaro*) Vou ser mãe !! Sabes ? Vou ser mãe !!...

AMARO (*desprendendo-a, com um grito lacerante*) Ah !!... (*mudando de tom, e affectando um sorriso*) Estás a gracejar ?

AMELIA (*mostrando-lhe o rosto*) Não vês ? Tenho no rosto umas pequeninas manchas... Consultei a Dionysia... Todos os symptoms são certos... (*chora*) Estou perdida ! Quero morrer !

AMARO (*fóra de si*) Que hei de eu fazer, meu Deus ? Que desgraça !

AMELIA (*desvairada*) Que escandalo ! Que vergonha !

AMARO — Eu fujo ! Não quero saber disso !...

AMELIA (*agarrando-o febrilmente pelos hombros e fitando-o feroz*) Foges !? Foges !? E eu !?...

AMARO — Queres que eu seja suspenso ? Que fique, por ahí, a morrer de fome ? Que vá parar n'uma cadeia ? (*Amelia encara-o por momentos — depois irrompe n'un pranto violento*) Cala-te, mulher ! Póde tua mãe ouvir-te !

AMELIA (*em desalento*) Meu Deus ! Meu Deus !...

AMARO (*impaciente*) Mas, cala-te ! com os diabos !

AMELIA (*suffocada em pranto*) Eu morro ! Nossa Senhora me valha ! Morro ! Morro !

AMARO (*compadecido, tomando-a pelo braço e attraindo-a para si*) Não ! Ouve ! Não te deixo, não... Estou tonto... não sei o que digo !... (*Amelia continua a soluçar*) E tua mãe percebeu alguma coisa ?

AMELIA — Não. Por ora não.

AMARO (*depois de fitar-a alguns momentos me silencio. Incredulo*) Mas, tu estás certa ?

AMELIA — Estou certa, sim. (*ruido de passos.*)

AMARO — Vai-te ! Vai-te, que ahí vem gente ! (*Amelia foge, espavorida, pela D., fechando a porta.*)

SCENA VII

AMARO e o CONEGO

AMARO (*offegante, adiantando-se para o Conego*) Sabe, você, de uma coisa ? A rapariga acaba de confessar-me que está grávida !

CONEGO (*forte sensação*) De véras !?...

AMARO—Veja, você, que escandalo! que desgraça! (*passa-seia agitado*) Está meio doida! Não faz sinão chorar!... Que hei de fazer, Padre Mestre ?...

CONEGO (*pensativo*) Olha que espiga !

AMARO—Imagine, você, o escandalo, Padre Mestre! Eu nem sei... Eu fujo ! Mato-me ! Faço alguma tolice !... (*o Conego conserva-se calado e profundamente pensativo*) Mas, imagine você ! Diga alguma coisa !... Eu não tenho idéia nenhuma ! Estou doido !...

CONEGO (*sentenciosamente*) Ahi estão os resultados, meu amigo...

AMARO—Vá para o Inferno, homem ! Não se trata agora de moral. Está claro que foi uma asneira; mas, adeus, está feita!

CONEGO (*depois de alguns momentos de reflexão*) Pois, menino, não ha outro remedio : é cazial-a.

AMARO—Cazal-a ! Mas, com quem ?

CONEGO—Com o João Eduardo.

AMARO—Com o escrevente?!...

CONEGO—E já !

AMARO—Porém... ella não ha de querer...

CONEGO—Não ha de querer ! ? Essa é bôa ! E que não queira ! — Homem, falemos serio : é possivel que a rapariga não queira cazar, mas você, e eu, nós todos—precisamos que ella caze. Vamos a ter juizo! Olha que o escandalo recáe, antes, sobre você e a S. Joanneira, e a fallar a verdade—sobre todos nós ! — Menino, é prcciso ter cuidado !... Desde que Amelia rompeu com o João Eduardo, começaram, ahi pela cidade, a rosnar que você tinha muita intimidade na casa, que aqui costuma estar um grupo certo de padres... Ora, si, de repente, n'esta casa, até então honesta, houver um escandalo... Imagine você que gritaria ! A casa passará a ser considerada um luponar ; a S. Joanneira terá, talvez, de sair da cidade... Veja, você, pense bem em todos estes desgostos.—Vamos tratar dos meios de os evitar. O casamento, já, é possivel, mas, d'aqui a um mez... será inaceitavel...

AMARO—Porém, Padre Mestre, ella não quer...

CONEGO—Homem, quem não quer é você !

AMARO—Engana-se. E' ella.

CONEGO—E' você. Não pensa na serie de desastres que lhe está reservada: a carreira cortada, a suspensão, o descredito, os uivos dos jornaes, a cadeia talvez, a miseria, de certo. Que recursos tem você ? De que ha de você viver ? Ha de vêr-se escurraçado, como um cão !

AMARO—Bem, Padre Mestre, juro-lhe que hei de resolver Amelia.

CONEGO—Não jure, homem ! faça-o, que é melhor !

AMARO—Mas, como se ha de encontrar o rapaz ?

CONEGO—Nada mais facil: eu vou já fallar ao Natario ; elle não o perde de vista, sabe de todos os passos que o escrevente tem dado desde que appareceu o artigo...

AMARO—Então, vá, Padre Mestre, não se demore...

CONEGO (*dispondo-se a sair*) Si você salvar-se desta embrulhada, será bom que tome cautella, (*saindo*) e não as confesses mais sinão cazadas (*sáe pelo F.*)

SCENA VIII

AMARO e AMELIA

AMARO (*só*) Como aceitará, ella, a ideia de cazar com o escrevente ? Recusará, de certo. Antes quererá sacrificar-se á perdição commigo, do que aceitar a rehabilitação com o outro. Mas é necessario evitar o escandalo.

AMELIA (*pela D.*) Ouvi tudo !

AMARO—E' necessario. E' a nossa salvação !

AMELIA—Mas, o que faz elle ? Onde está ?

AMARO—Não sei. Parece-me que vive lá para os lados do quartel. O Dias foi informar-se. D'aqui a pouco iremos, com tua mãe, visitar á tua madrinha, e lá saberemos de tudo. (*depois de curto silencio*) Então, que dizes ?

AMELIA (*tristemente*) Que—sim. Que remedio ?!...

AMARO (*cumento*) Até te agrada, hein ?

AMELIA—Pois que hei de eu fazer ?

AMARO—Achas bom... Sempre é outro... E' variar...

AMELIA—Pelo menos—sempre é um marido. (*Amaro dá-lhe uma bofetada—Amelia deixa-se cair contra um movel*) Não me batas !

AMARO (*tremulo, com a voz abafada*) E's uma devassa ! (*Amelia levanta-se vagarosa e, caminhando a medo, aproxima-se da porta da D.—Amaro, seccamente*) Amelia?

AMELIA (*correndo para junto delle como louca—abraçando-o phreneticamente*) Adoro-te ! Adoro-te ! O que pensavas tu ? Estás doido ? Mas eu posso lá viver sem ti ?!... Nem tu sabes !... Beijar-te !... Abraçar-te !... Qual !... Queria mais !... Nem eu sei !... (*deixando-se cair aos pés de Amaro, beijando-lhe as mãos e a batina, abraçando-lhe os joelhos, loucamente*) Bate-me, Amaro ! Bate-me !(*desmaiando*) Mata-me ! Ma...ta...me (*cái desfalecida*)

AMARO (*erguendo-a*) Amelia ? Amelia ? O que tens ? Filha, escuta-me!... (*Deita-a sobre uma cadeira, apoiando-lhe*

a cabeça ao peito) Amelia! Desperta! Olha-me! Estou junto de ti! (em desespero) Oh!... Maldito seja quem me fez padre! (Amelia começa a recobrar o alento.)

AMELIA (*ageita-se na cadeira, senta-se, lança em torno de si um olhar espavorido e passando as mãos pela cabeça*) Sinto uma coisa aqui dentro... (*abraçando-se a Amaro*) Não me abandones! Não me deixes morrer! Fica aqui, bem perto de mim!... (*silencio.*)

AMARO — E quando fôres cazada?

AMELIA (*n'uma exaltação febril*) Sempre! Sempre! Sempre!

AMARO — Juras?

AMELIA — Juro!

AMARO — Pela hostia sagrada?

AMELIA — Juro!

AMARO (*depois de abraçal-a e beijal-a, afastando-se*) Vai-te! Vai-te, que me enlouqueces!

SCENA IX

OS MESMOS e a S. JOANNEIRA

S. JOANNEIRA (*dirigindo-se a Amaro — baixo*) Então? Disse-lhe?

AMARO — Ah! Sim... tem saudades do João Eduardo. Arrepende-se de havel-o despedido. Está apaixonada.

S. JOANNEIRA — Bem dizia eu... — E agora o que se ha de fazer?

AMARO — Cazal-a, quanto antes, para evitarmos que esse desgosto traga resultados funestos.

S. JOANNEIRA — E elle quererá?

AMARO — De certo. O conego Dias deve dar-me uma resposta a esse respeito, d'aqui a pouco. Vamos. Aproveitaremos a occasião da visita para tratarmos disso. E' um beneficio que fazemos áquellas criaturas: ella estima-o apaixonadamente, elle retribue-lhe — Vamos fazer-lhes a vontade.

S. JOANNEIRA (*alto*) Amelia, vamos visitar a tua madrinha? (*arranja-lhe o cabello, põe-lhe a capa e encaminham-se para o F.*)

AMARO (*aparte*) Si eu pudesse dar a esta mulher o meu nome!... Não posso! Hei de entregal-a a outro, vencer o coração e traír a consciencia! porque, antes de tudo (*indicando a batina*) é preciso salvar esta coisa! (*saem pelo F.*)

MUTAÇÃO

P. A. 9

QUINTO QUADRO

Em casa do Conego Dias—Sala decente.

SCENA I

JOSEPHA *pela D. alta, ao braço do LIBANINHO*

LIBANINHO — E' bom andar um pouco, para dar forças ao corpo.

JOSEPHA — *Qual* forças, *seu* Libaninho! Eu já estou com os pés p'r'a cóva!... Os medicos têm dito que recéiam bastante.

LIBANINHO — Ora, D. Joseph, isto de medicos!... Quem é que confia no que elles dizem? — Olhe, faça uma promessa a Nossa Senhora do Amparo, e verá como fica bôa logo!...

JOSEPHA — Ai! *seu* Libaninho, a Virgem Maria já me abandonou! Parece-me que, sem saber, fiz algum grande pecado! Até as minhas amigas esqueceram-se de mim...

LIBANINHO — Oh! ? Ainda não ha muito que aqui esteve a D. Joaquina, a D. Maria, o Sr. padre Brito, e o Sr. padre Natario...

JOSEPHA — Pela primeira vez, depois que adoeci. Mas tambem foi chegar e sair — Sabe de quem eu não me queixó? Da S. Joanneira. Veio, todas as noites, visitar-me, enquanto estive no periodo grave.

LIBANINHO — E a Ameliasinha?

JOSEPHA — Minha afilhada? Algumas vezes. A pobresinha anda tão doente!...

LIBANINHO — Doente! Pois, olhe que ella parecia *vender saude*!

JOSEPHA — Isso já se foi! Desde que rompeu o casamento com o João Eduardo, a pequena anda sempre mofina; e diz a S. Joanneira que ultimamente tem-lhe notado peioras!...

LIBANINHO — Então, isso não é sinão arrependimento, D. Joseph. Mas, não tem de que. Aquelle rompimento foi um passo muito acertado.

JOSEPHA — Eu sei lá!... Que o rapaz não merecia cazar com ella... isso não merecia; eu fui a primeira a dizer-lh'o. Mas, ao que parece, o amor já tinha tomado desenvolvimento.

LIBANINHO — Qual! Não acho que seja assim. A Ameliasinha não tinha paixão pelo rapaz.

JOSEPHA — Tambem sempre me pareceu o mesmo, porém, agora, começo a desconfiar que me enganava. (*outro tom*) Ai, *seu* Libaninho! Já basta de estar de pé. Ainda não tenho forças para resistir. Vamos. Quero encostar-me no sofá (*en-*

caminham-se para a D. alta) Valha-me Deus ! Eu, ficando livre d'esta, mando dizer uma missa a N. S. das Dôres.

LIBANINHO — Isso! isso ! Apegue-se a ella e verá... (*desapparecem*)

SCENA II

O CONEGO

(*Pelo F.—contrariado*) Diabos o levem !... Ora bolas !... Nem sombra !... Nem sombra do João Eduardo !... Foi para Lisboa, ha um mez!... Ora, esta nem pelo Diabo!... E agora!? —Está tudo transtornado !... Não ha esperanças de abafar o escandalo ! — Tambem, quem manda um rapaz novo, inexperiente, querer fazer altas cavallarias?... E o peior é que eu nada posso dizer-lhe que o censure, porque elle replica logo : ora, cale a bôca, que você tambem faz o que pôde !... Isto é o Inferno !... Si até o padre Natario não acha quem dê noticias do rapaz... Como havemos de descobril-o para resolver esta crise ?... Está em Lisboa ! Ora, vão lá encontra-lo !... Si houvesse um meio... (*fica pensativo.*)

SCENA III

CONEGO e LIBANINHO

LIBANINHO (*pela D. alta*) Ora viva o Sr. Conego Dias!

CONEGO (*voltando-se*) Olá ! Bons olhos te vejam ! Por onde tens tu andado, que nunca mais appareceste na Sé, nem lá na casa da San Joanneira ?

LIBANINHO —Ai, Sr. Conego ! tenho tido uma vida perfeita !... Quasi não saio da igreja da Encarnação !...

CONEGO — E que amisade é essa, agora, com o tenente Louzada ? Disse-me o Brito que vocês andam sempre juntos...

LIBANINHO — Já não é de agora ; mas, estavamos arrufados. Ai, Sr. Conego ! Nem imagina ! Rapaz mais temente a Deus nunca vi ! Eu até pasmo !... E então sendo militar !... Que isso sempre vai uma impiedade pelo regimento !...

CONEGO — E, então, você intenta, agora, a conversão do batalhão ?

LIBANINHO — Não é para as minhas forças, que, si eu pudesse !... Eu faço o possível... ainda hontem comprei ben-tinhos para um anspecada da 4^a companhia. Até lh'os ajudei a deitar ao pescoço. Tinha-os feito benzer pelo padre Theodoro... Estavam mesmo cheinhos de virtude !...

CONEGO—Ora, francamente, você devia deixar esses cuidados pelo batalhão, ao coronel.

LIBANINHO — O coronel ! Olha o impio ! Safa ! Si o deixassem, desbaptisava todo o regimento !

SCENA IV

OS MESMOS, PADRE AMARO, S. JOANNEIRA

e AMELIA (*pelo F.*)

AMARO (*adiantando-se para o Conego*) Então? Arranja-se?

CONEGO—Nada.

AMARO—Como assim ? Não quer ?

CONEGO—Depois conversaremos.

LIBANINHO (*fazendo galanteios ás mulheres*) Cada vez mais mocas e mais bonitas !...

S. JOANNEIRA—Isso parece-lhe, porque você ha mais de um mez que não nos procura.

LIBANINHO—Não senhora; é que estão mesmo. (*referindo-se a Amelia*) Cá a Ameliasinha está uma flôr. Quem te levava ao altar bem eu sei...

CONEGO—Era, talvez, você...?

LIBANINHO—Ai ! quem sou eu ?...Não é que não quizesse...isso é que não. Bastante vontade tenho de cazar !...

S. JOANNEIRA—E por que não caza ?

LIBANINHO—Não me pergunte outra vez, filha... Olha que já te peço a pequena !...

AMARO (*chalaceando*) Peça, homem, peça...

LIBANINHO—O casamento deve ser tão bom!...O que me agrada mais é a ideia de irem ambos á missinha, logo pela manhan, e pedir perdão a Nossa Senhora !...

AMELIA—De que ?

LIBANINHO (*fitando-a com malicia*) De nada...(*fazendo fosquinhas a Amelia*) A D. Josepha esteve a dizer-me que você está muito triste, com umas certas paixões...Pois olhe que não mostra. Acho-a, até, mais gorda !

AMELIA—Eu !?..

LIBANINHO— Pois não lhe parece, Sr. parocho ? Oh, filha ! Desde que te não vi, fazes uma diferença !... (*contempla-a em attitude burlesca*)

AMARO (*baixo ao Conego*) Quero fallar-lhe, Padre Mestre ; é preciso que me diga o que ha...

LIBANINHO (*sempre observando o contorno de Amelia*) Mas, repare, Sr. Conego...(*andando em redor d'ella, miran-*

do-lhe a cintura) Oh, filha ! Si fosses fonzada, perguntava-te quando era o baptisado... (*sensação de Amelia e Amaro*)

AMELIA (*envergonhada*) Acho gracejo de mau gosto.

CONEGO—Tambem eu.

S. JOANNEIRA—De certo.

LIBANINHO—Bem, já não fallo mais.

AMARO—Sim, é o melhor. Vão vêr a doente e deixem-nos ficar a sós, porque eu preciso de conversar com o Padre Mestre (*saem pela D. alta*)

SCENA V

CONEGO e AMARO

AMARO (*acompanhando com o olhar a sahida do Libaninho*) Que estupido, aquelle sujeito !

CONEGO—Que finorio, meu caro amigo ! Que finorio !

AMARO (*outro tom*) Mas, vamos a saber, Padre Mestre: encontrou ?

CONEGO — O Natario ? Encontrei-o na rua ; voltava d'aqui ; tinha vindo visitar a mana Josepha.

AMARO—Deu-lhe as informações a respeito do João Eduardo ?

CONEGO—Deu-m'as.

AMARO—E então ?

CONEGO—Foi para Lisboa.

AMARO (*em sobresalto*) Para Lisboa !?...

CONEGO—Não se sabe com quem, nem si lá ficou, nem onde mora—Nada ! absolutamente—nada !

AMARO—E esta !?...

CONEGO—E' de truz !

AMARO (*furioso*) Diabos levem as mulheres e o Inferno as confunda !

CONEGO (*piedosamente*) Amen !

AMARO—E agora, o que havemos de fazer ?

CONEGO—Tenho estado a pensar, e parece-me que se arranja tudo.

AMARO—Como ?

CONEGO—A primeira coisa que nós temos a fazer é separar a mãe da filha; levar a velha para longe, que não saiba do que se passa, levar a filha para mais longe, que ninguém saiba do que se vai passar.—Parece-me que este bocadinho de raciocínio tem algum valor ...

AMARO—Porém, eu não comprehendo bem...

CONEGO—E' simples. Eu te explico: estamos em Agosto; é a época de ir para os banhos de mar; eu me encarrego de

forçar a San Joanneira a partir, um pouco mais cedo, para a Vieira; alugo-lhe uma casa, como de costume, a pouca distância da minha...e aqui temos a velha arranjada.

AMARO—Mas Amelia?

CONEGO—Espere lá.—Por outro lado, minha irman precisa de ir, na convalescença, aproveitar os ares do campo, e eu convenço-a que vá para a Cortegassa, propriedade d'ella; mas, não ha de ir só, doente como está; é muito natural que Amelia, sua afilhada, vá fazer-lhe uma companhia de enfermeira. E lá é que ella...

AMARO (*interrompendo-o*) Mas, a sua irman?

CONEGO—Ahi é que está. E' necessário convencel-a a que proteja a manobra.

AMARO—Acho difficult.

CONEGO—Não é.—A mana está fraca, meio tonta, aterrada... Com um bocado de energia faz-se d'ella o que se quizer.

AMARO—E a San Joanneira?

CONEGO—A San Joanneira fica por minha conta. (*batendo-lhe ao ombro, amigavelmente*) Sabe o que não se remedeia, meu rico? é a morte. O mais...

SCENA VI

OS MESMOS e AMELIA

AMELIA (*pela D. — adiantando-se, impaciente*) Então? Decidiu-se?

AMARO—O João Eduardo desappareceu: foi para Lisbôa. (*Amelia faz um movimento de contrariedade*) Não te afflijas. Parece-me que se arranja tudo... (*Amelia encara-o com avidez*) Disse-me, agora, o Conego que vai para Vieira, a banhos, percebes? Arranja-se que tua mãe vá mais cedo...

AMELIA—E eu?

CONEGO—Tu vais para a Cortegassa.

AMELIA—Só?! Mas, como?

AMARO—Vais com a D. Josepha.

AMELIA—Porém, ella quererá?

AMARO—Arranja-se, tudo se arranja. Passas lá o tempo necessário... só ella sabe... Socega, que ella guarda segredo!

AMELIA (*expressão de dúvida*) Eu sei?...

CONEGO—Deixa estar. Fica por nossa conta. Quando tua mãe voltar, estás livre... e será bom que te sirva de lição.

AMELIA—Mas, a mamãe quererá?

CONEGO—Ha de querer (*saindo*) Eu vou buscar a mana Josepha (*sae pela D.*)

SCENA VII

AMARO e AMELIA, depois LIBANINHO, S. JOANNEIRA

e—JOSEPHA auxiliada pelo CONEGO

AMELIA (*a Amaro*) E si eu fôr para a quinta, tu vaes-me lá vêr ?

AMARO — Vou, deixa estar.

AMELIA — Juras ?

AMARO — Juro ! Vou te lá vêr todas as semanas.

CONEGO (*entrando pela D, com os outros*) Vem cá, mana Josepha. Eu tenho uma conversa comtigo. Oh, Libaninho? dá cá uma cadeira (*o Libaninho dá-lh'a*) Senta-te, estás fraca, não te pôdes suster de pé muito tempo. (*Josepha senta-se. Conego, aos outros*) Vocês vão dar um passeio ao pomar. Vão, mas não me dêm cabo das cerejas. (*S. Joanneira, Amélia e o Libaninho saem pela E.*)

SCENA VIII

O CONEGO, JOSEPHA e AMARO

JOSEPHA — O que me queres, mano ? Estamos sós, pôdes fallar. Vamos, não te demores, que eu quero deitar-me. Estou tão abalada, Sr. parochô ! Ando muito doente ! Nem sei mesmo o que mais hei de fazer !

CONEGO — Não sabes ? E' ir passar alguns meses á Cor tegassa. Faz-te um bem !...

JOSEPHA — Eu não tenho forças...

AMARO — Pois lá é que as ia ganhar, D. Josepha.

CONEGO — Isto, minha rica, o verdadeiro remedio é mudar de ares ! Para tudo ! Assim que eu fosse para a Vieira, a mana mettia-se, aqui, n'uma sege...

JOSEPHA — Ora, ir para lá — só !...

CONEGO — Tambem, ninguem lhe diz que vá só.

AMARO — De certo. Era o que faltava !

CONEGO -- Olhe, sabe, mana ? leve a sua afilhada. E' uma bôa rapariga, uma companheira...

AMARO — E fazia um grande favor á pequena, coitada!

JOSEPHA — Favor, por que ?

AMARO (*fica embarracado, hesita e diz*) Pergunte ao Sr. Conego... E' um caso muito serio !...

CONEGO — Não, não. Conte você.

AMARO — Não... Diga o Sr. Padre Mestre...

CONEGO — Eu não digo...

AMARO (*depois de alguns momentos de hesitação, tomando um tom lugubre*) A Amelia, coitadita ! soffreu um grande desastre !

CONEGO (*resoluto*) Olhe, mana, para que havemos de estar com coisas ? A rapariga está começando a preparar-se para ser mãe ! — E' o que é ! (*Josephha estremece, agita-se na cadeira, como quem vai fallar, porém a tosse embarga-lhe a voz.*)

AMARO — E agora, do que se trata, minha senhora, é que a mãe não saiba.

CONEGO — E contamos com você. Aqui está. Ora, assim sempre a gente se entende melhor.

JOSEPHA (*horrorizada*) Commigo !?... Não !!!...

AMARO — Comsigo, sim, ora escute...

JOSEPHA (*mesmo tom*) Não !!!...

AMARO — Mas, escute, senhora !

CONEGO — Oiça, mana, oiça !

AMARO — A sua afilhada está n'aquelle estado. O que se não remedeia não se discute. A rapariga vai lá finalisar a *moléstia* (*Josephha, contrariada, quer fallar*) Tenha paciencia. Em segredo de confissão, eu sei quem é o pai... percebe ?

JOSEPHA (*resoluta*) Isso não faço eu ! Isso não faço eu, nem que me rachem !...

AMARO (*irritado*) Não faz !? Pois commette um peccado mortal ! um peccado que não se perdoa ! Mette aquella alma no Inferno, e mette a sua tambem ! Não encontra um padre que lhe dê a absolvição.

CONEGO — Nenhum !

JOSEPHA (*amedrontada*) Que me está a dizer, Sr. parrocho ? !

AMARO — Digo-lhe isso, tão serio como si estivesse no confissionario. Sabe o que faz ? — O homem que a seduziu é caçado ; descobre-se a desgraça, a pequera fica perdida, a autoridade toma conta do caso ; temos ahi processo ; ella é capaz de matar-se... já fallou n'isso... e aqui é que está o perigo : é que a rapariga mata-se ! Diga-me : quer isto sobre a consciencia ? Emquanto que, si a senhora leval-a nada se sabe, fica tudo como estava.

JOSEPHA (*angustiada*) Valha-me Deus ! Mas, que hei de fazer ?

CONEGO — Estamos lhe a dizer, mana. Leva a rapariga para a Cortegassa ; a mãe vai para a Vieira. Não se vêm a saber nada !

AMARO — Olhe, minha senhora, lembre-se de que já não está moça. Deus pôde chamal-a, de um momento para outro. Creia que fica em peccado mortal, si recusa-se. — Si a Amelia

se mata, veja que remorso ! A senhora terá o Inferno em vida e em morte !

CONEGO — Ande, minha, ande, que a morte vem quando menos se espera !

JOSEPHA (*completamente dominada de terror*) E eu não pecco, Sr. parocho ?

AMARO — Salva-se, minha senhora ! olhe que eu sentia uma voz de dentro, que me dizia: « falla á D. Josepha. » Também, lhe digo : a não ser assim, morre para ahi como um cão. Não serei eu que lhe dê os sacramentos !

CONEGO — Ninguem lh'os dá !

JOSEPHA — Pois bem, não seja por minha causa a desgraça da pequena. Consinto em tudo o que quizerem... Mas eu não condenno a minha alma !

AMARO — Pelo contrario, minha senhora : ganha a graça de Deus !

JOSEPHA (*levantando-se*) Pois, sim : eu levo a pequena. Quando vamos, mano ?

CONEGO — Já, por estes dias.

SCENA IX

OS MESMOS, S. JOANNEIRA, LIBANINHO

e AMELIA (*pela E.*)

AMARO (*báixo, ao Conego*) Saiu ás mil maravilhas !

CONEGO (*idem a Amaro*) E' isto, meu caro ! E' Inferno para a frente ! Inferno e mais Inferno ! Consegu-e-sé tudo ...

AMARO — E agora, Padre Mestre, é andar-me com a S. Joanneira.

AMELIA (*dirigindo-se aos padres, enquanto que Josephina encaminha-se para o 2º plano, apoiada ao Libaninho*) Faltaram-lhe ? Ella o que diz ?

AMARO — Que sim. Tudo se arranja (*afastam-se conversando.*)

CONEGO (*tornando o braço da S. Joanneira que dispunha-se a sair*) Espera. Quero dar-te uma notícia (*descem*) Por estes oito dias vamos para a Vieira.

S. JOANNEIRA — Já ! ? Mas nós só costumamos partir mais tarde...

CONEGO — Não importa ; este anno iremos mais cedo. Vou alugar a casa do Ferreira...

S. JOANNEIRA — Mas isso é um nicho ! Então onde hei de accomodar a pequena e a criada ?

CONEGO — Ora, aqui é que está ! E' que, justamente, a Amelia, desta vez não vai á Vieira.

S. JOANNEIRA (*sorrindo*) Pois, sim... Então não vai?...

CONEGO — Não. — Minha irmã vai convalescer para a Cortegassa, e você bem vê que ella não pôde estar só... Quer levar a Ameliasinha... sempre é afilhada, ella tem-lhe amizade bastante... E além disso é conveniente para a pequena, esse passeio — Eu não posso ir, tenho de tomar os meus 50 banhos annuaes, você sabe. A pobre de Christo não ha de estar para alli, só, com uma criada.

S. JOANNEIRA — Sim, tudo isso é verdade. A Amelia precisa mesmo de uma temporada fóra, a vêr si lhe passa aquella paixão !... Mas, olhe, para lhe dizer com franqueza, custa-me bem deixar minha filha ! Si pudesse dispensar os banhos, ia eu com ella.

CONEGO — Qual ia! Você vai para a Vieira. Eu não hei de estar lá sózinho (*com caricia*) Sua ingrata ! sua ingrata ! (*mudando de tom*) A Sra. veja bem : a mana Josepha está com os pés para a cóva ; ella sabe que o que eu tenho para mim chega ; tem affeição á pequena, sempre é madrinha... Si a vir, agora, a tratá-a, na doença, a estar alli só com ella uns meses, fica pelo beiço ! Olhe que a Cortegassa é della... e ainda vale um par de mil cruzados — Ella não tem testamento feito, porém quer fazel-o, e a Amelia pôde apanhar um bom dote — Não lhe digo mais.

S. JOANNEIRA — Eu bem vejo. Além disso, a menina convém mudar de ares... Mas, você sabe... a gente tem saudades...

CONEGO — Ora, deixe lá ! A pequena não vai para as Indias (*os outros descem.*)

S. JOANNEIRA (*abraçando Amelia*) Minha filha, temos de separar-nos!... Vais para tão longe!... Tão longe de mim!... Não abandones nunca os bons conselhos do Sr. parocho.

AMARO — Deixe estar que ella vai lhe fazer uma visita, de vez em quando...

CONEGO — Por força ! Ou, si me der na cabeça, aparecemos por lá, qualquer dia.

S. JOANNEIRA — Qual ! Ella que vá, que é moça e pôde com a jornada... (*abraçando Amelia*) Lembra-te sempre de que és uma moça honesta. Conserva-te virtuosa como si estivesses junto de mim.

AMELIA (*comigo mesmo — lacrymosa*) Pobre mãe ! Recommend-a-me virtude !... E eu não posso dizer-lhe a verdade !...

— *Grupo* —

PANNO

QUARTO ACTO

SEXTO QUADRO

Sala de architectura antiga—Brazões de fidalguia—Cadeiras de alto espaldar—Portas lateraes—Porta larga cdm reposteiro, ao F. (*E' noite*)

SCENA I

AMARO, só

(*Passeia, agitado, pela sala—aproximando-se repetidas vezes, inquieto, da porta do F. de onde parte rumor frequente*) O que fazer ? D'aqui a momentos serei forçado a tomar uma resolução. Esta criança não pôde viver publicamente... Mais tarde a mãe quererá vel-a. A S. Joanneira poderá desconfiar, a Dyonisia fallar, a fatalidade esclarecer!... E depois, quem me affiança que Amelia será sempre submissa e amante?!... Não poderá arrepender-se ? Não poderá accusar-me ?—E essa criança, criada por uma ama da aldeia, será a prova viva, o facto accusador !...(aproximando-se do F. impaciente) Cala-te ! cala-te, mulher ! (desce—outro tom) Si ella nascer morta... Anjinho !... Deus leval-a á adormecida ! Mas, si nascer viva, forte... que desgraça ! (*novamente aproximando-se da porta do F.—irado*) Basta ! Basta !... Amelia, calate ! I'ódem ouvir-te ! Jesuz !...(outro tom) Só ha um recurso: pôr a criança á porta de alguem! Farei constar que entreguei-a a uma ama da aldeia distante, no monte... e um bello dia... morreu !—E' um plano completo!—Oh! maldita ambição ! Na velha parochia de outr'ora—a tranquillidade; aqui, procurando melhorar, vim buscar as inquietações! os desgostos! o sobresalto ! o completo desmoronamente de todo o meu futuro ! E' urgente desapparecer deste lugar ! Amelia, quando restabelecer-se, não me tornará a vêr diante de si, como uma tentação maligna, irresistivel !... (*continúa, até o lugar indicado, o rumor ao F.*)

SCENA II

AMARO e o TIO ESGUELHAS

ESGUELHAS (*pela E.*) Dá licença, Sr. parocho ?

AMARO—Pôde entrar, tio Antonio.

ESGUELHAS— Me disseram que V. S. retirava-se de Leiria...

AMARO—E' verdade, meu amigo, não posso ficar nesta parochia.

ESQUELHAS—V. S. ha de desculpar-me, porém eu, como soube que se ia embora por estes dias...vinha trazer-lhe isto, que achei ha tempo no meu quarto. Tinha-me esquecido de todo.(*tira d'algibeira um embrulhosinho e dá-lh'o*)

AMARO (*abrindo-o*) Uma joia de ouro!...

ESQUELHAS—Sim, senhor. E' um brinco da menina Amelia. Bem sei que ella muito o procurou e até pediu-me para ajudá-la.

AMARO (*com o olhar fixo no objecto*) Perdeu-o n'uma manhan de amor...(*enxuga lagrimas*)

ESQUELHAS(*commovido, procurando disfarçar*) A menina vai melhor?

AMARO—(*perturbado*) Não, não... vai, sim... vai bem... bem... mal... Eu mesmo não sei!...

ESQUELHAS—Pobresinha! Tão linda que ella era!... Não se afflija V. S., Sr. parocho... Tenha coragem! E antes de partir lembre-se do velho sineiro, que foi sempre tão seu amigo! Adeus, Sr. parocho.

AMARO (*abraçando-o, com lagrimas*) Adeus! Adeus, tio Esguelhas! Obrigado!

ESQUELHAS (*saindo pela E, encontra o Conego, que entra fazendo-lhe uma profunda reverencia*) Guarde-o Deus, Sr. Conego Dias!

CONEGO—Outro tanto, tio Esguelhas. (*Esguelhas sae.*)

SCENA III

AMARO e o CONEGO

CONEGO—Adeus, Amaro. Venho quasi fugido. A Joanne ignora o meu destino. Hontem recebi uma carta em que tu me participavas que o desfecho da molestia da Amelia estava por *estes dias*... Então?

AMARO—Agora, está por *estas horas*.

CONEGO—De véras? Ora emsim! Sempre m' tem custado bastante prender a velha lá na Vieira. Perco quasi todas as semanas trez ou quatro banhos, de propósito para os espacar e dar tempo, porque ella sabe que eu, sem os meus 50 não estou prompto. Ora, já tenho 43, veja lá! —Outra coisa: — Você tem pensado no destino que ha de dar ao recem-nascido?

AMARO—Eis ahi uma coisa que tem sido ultimamente a minha preocupação — Não sei o que fazer da criança! —

Aconselhe-me você (*inquieto sempre com o rumor na alcova d. F.*)

CONEGO—Eu? Homem... você devia ter pensado n'isso com tempo. Agora, nos ultimos momentos...

AMARO — Ao principio pensei no caso como um cuidado vago, um acontecimento distante; depois comecei a affligr-me, e nestes ultimos dias é essa a minha preocupação sempre presente. Vejo-me diante de uma difficuldade temerosa —fatal — inilludivel — imminente como um punhal que me descesse sobre o peito: — o filho! — Para os outros homens é um momento feliz: ter em seus braços o corpinho flexivel de uma criança, que é seu filho, que é o sangue do seu sangue... beijal-o, acaricial-o, sorrir-lhe com a expansão de uma alegria suprema, apresental-o a todo o mundo, dizendo: é meu filho!... Mas, para mim é o martyrio! a vergonha! o crime! Eu hei de amordaçar a consciencia, para que ella não me accuse! sufocar o coração para que ninguem escute o seu palpitar de contentamento... porque a Igreja assim o quer! E aquella criança ha de sair da alcova onde nasceu para a *roda* dos engeitados...

CONEGO — Na cidade não ha mais *roda*. Faz 2 annos que o concelho do districto supprimiu-a, e a mais proxima é a de Ourem, a quatro leguas.

AMARO — Porém ahi ha extremas difficultades.

CONEGO — E' certo. Desde que acabou-se com a *roda* em Leiria, os engeitados começaram a affluir a Ourem. Como não havia vigilancia, eram alli depositadas innumerias crianças de todos os arredores. Os recursos da Misericordia eram pequenos, e havia abusos. Lavradores abastados, até mesmo empregados, mandavam de noite, alli depositar os filhos — e a toda a hora a aspera sineta acordava a rodeira. A Misericordia não podia sustentar, um tal numero, e começaram, então, a augmentar os embaraços. Puzeram uma sentinella á porta, e a pessoa que vai levar a criança é interrogada e ameaçada; indaga-se a paternidade da engeitada, a residencia dos pais... e assim a autoridade combate a abundancia das exposições com o terror dos vexames.

AMARO — Já vê que me é impossivel deital-a á *roda*.

CONEGO — Entregue-a a uma ama.

AMARO — Penso em dizer a Amelia que assim fiz, porém não darei esse destino ao recem-nascido.

CONEGO — Não? Por que?

AMARO — Porque não ha segurança de segredo.

CONEGO — Entretanto, é forçoso que deliberes alguma coisa, sem demora.

AMARO—Pois bem, Padre Mestre, você tem sido o unico informado de tudo o que se tem passado... Confesso-lhe: tenho um plano; resolvi-o, subitamente, em presença das terríveis angustias do dia de hoje.

CONEGO—Como dizias, então, que não havias resolvido coisa alguma?

AMARO—Para vêr si o Padre Mestre indicava-me algum outro destino mais acertado para meu filho.

CONEGO—Vamos vêr o que pensaste.

AMARO—E' simples: pôr a criança á porta de alguem. (*sensação do Conego*) No campo, n'algum casal afastado. Levo-a debaixo do capote, chego de vagar, com precauçāo, pousso a criança, bem envolta em paños, á porta, bato duas ou trez pancadas violentas... e fujo pelos campos.

CONEGO—Foges? E abandonas teu filho?

AMARO—Hão de acudir ao ruido das pancadas, e quando encontrarem á porta aquelle vulto, leval-o-ão para a casa e no dia seguinte entregal-o-ão á autoridade, para ser criado por um ama da Camara.

CONEGO—Sim, é facil...

AMARO—E o resultado é certo.

CONEGO—Bem, mas, a que casal vai você bater?

AMARO—Lembro-me de um, ao pé do rio, do Bento Farato, um velho lavrador, viudo, rico e sem filhos. Talvez que recolha a criança, adopte-a... Eu conheço a casa; já lá fui levar a Extrema-Uncção a um criado do campo. Lembro-me perfeitamente: duas janellas pequenas deitam para a horta, que se abre por uma cancella sem chave...

CONEGO—Mas, si o cão ladrar?

AMARO—Melhor: é um signal, é um rebate.

CONEGO—E si o cão morder a criança?

AMARO—Qual! os cães devem estar do outro lado, ao pé dos curraes! Bato violentamente, com uma pedra, na porta, algum dos criados acordará, de certo. Depois, salto pela sébe, para os campos, e com facilidade ganho a estrada, que me levará rapidamente á cidade—livre! tranquillo! innocent! inattacavel!—Ninguem desconfiará.

CONEGO—E terás tempo de fugir? Vê lá! Pensa bem!

AMARO—Em quanto se levantarem ao ruido, perguntarem para fóra da janella, destrancarem a porta, sahirem a espreitar com a espingarda... de certo, terei tempo!

CONEGO—Bem, mas o que dirás á Amelia? á Dyonisia? e á mana Josepha?

AMARO—Que a criança foi entregue a uma ama da aldeia distante, no monte. E depois de alguns dias trago a notícia de que *morreu*!...

CONEGO—Homem, o plano não é mau, porém é preciso executá-lo com cautela...

AMARO—É muito segredo. Padre Mestre. Si Amelia, ou alguma das outras, perguntar-lhe, ou fallar-lhe a respeito, diga sempre que a criança foi dada a criar...

CONEGO — Pois, então? Está bem visto!... (*outro tom*) Ora dize-me: tu já viste o João Eduardo?

AMARO — Si o vi? Como? Pois ele não estava em Lisboa?

CONEGO — Já voltou. Vi-o hoje. E hoje é que soube de tudo.

AMARO — E d'ahi?

CONEGO — O rapaz tinha ido primeiro para Ourem...

AMARO — Ah!...

CONEGO — Depois apareceu ahi, e o Dr. Godinho, para se vêr livre delle, pagou-lhe a passagem para Lisboa, e recommendou-o para lá. Esteve empregado n'um cartorio; depois, não sei como, encontrou-se com o morgadinho de Poyaes, e parece que arranjou-se para mestre dos pequenos.

AMARO — Mestre, elle! ? Ora essa!...

CONEGO — E para ir á casa do morgadinho tem de passar por aqui! O rapaz já deu com a Amelia.

AMARO — Então, elle não mora na casa, como mestre dos filhos do morgado?

CONEGO — Acho que não. Vai pela manhan, janta lá, e recolhe ao a noitecer. E diz o Natario que o rapaz está cada vez mais apaixonado pela Ameliasinha.

AMARO — Agora, que guarda a sua paixão! Quando se precisava delle, não apareceu!

CONEGO — Pois, ha coisa de um mez que está em Leiria. E, então, é bom que saibas: anda fiscalisando aqui a casa, porque já desconfiou de ti... Ah! O Natario anda muito bem informado!...

AMARO — Então não me enganei!...

CONEGO — De que?

AMARO — Eu lhe conto: você sabe que Amelia deu-me uma chave do portão, para eu poder entrar na casa sem ser presentido?

CONEGO — Ah! Deu?... Olhem que velhacos!

AMARO — Comecei a vir todas as noites vel-a.

CONEGO — Sim... com a chave falsa, até eu!...

AMARO — Uma vez, encontrei-a doente, e deixei-a pouco depois da meia noite. Mas, apenas dei alguns passos, senti que alguém poz-se a caminhar e a seguir-me...

CONEGO — Era elle! Reconheceu-te pela batina,

AMARO — Eu não vestia batina, n'essa noite. Pelo trajo era muito difficult reconhecer-me — Porém : o vulto acompanhava-me. Era necessario escapar-me ! Quando apressava o passo, ouvia que a minha sentinella apressava tambem os seus. — Eu estava estonteado ! Não podia, durante toda a noite, errar pelas ruas, miseravelmente fugido ! Lembrei-me de voltar ! estacar ! lutar com o homem !...

CONEGO — Isso era uma temeridade. Serias irremediavelmente reconhecido !

AMARO — Foi o raciocinio que fiz. — Entrar em casa importava ainda mais clara revelação... Sabes onde fui passar a noite ? — No quarto do tio Esguelhas !

CONEGO — Sempre o quarto do sineiro ! — E o vulto ?

AMARO — Espreitei-o do quarto ás escuras, e vi-o, lá fóra, a olhar para a casa, depois — recuar, voltar e desapparecer !

CONEGO — Era o João Eduardo ? !

AMARO — Provavelmente.

CONEGO — Pois, meu amigo, olho vivo e cuidadinho ! (saindo) Eu vou vêr a mana Josepha. (saiem pela D.)

SCENA IV

JOAO EDUARDO, só

(A scena fica vazia por instantes—João Eduardo entra cautelosamente, pé ante pé) Foi aqui !... Não me engano !... Eu a vi por mais de uma vez á janella !... Retirava-se sempre... Qu'importa ? Amo-a ! Ainda amo-a !... Ha perto de um anno que a não vejo ao pé de mim !... Mas, não a esqueci por isso... Ela aborrece-me, talvez, porque já pertence a outro... Sim, ella pertence a outro ! eu vi-a sair d'aqui, alta noite... Aquelle homem sahia da sua alcova... do ardor dos seus beijos... Foi por elle que Amelia desprezou-me !... E quem será ? O padre Amaro ? — E' o padre Amaro, de certo ! Vi-o entrar n'um recanto da Sé, junto do casebre do sineiro !... Era, de certo, o padre Amaro !... — Em lugar de o seguir, inertemente, com as precauções de um ladrão assustado... eu devia tel-o alcançado, arrancar-lhe a capa, arrastal-o par'ao pé do candieiro, amotinar as ruas !... Ah ! com que satisfação eu esbofeteava o causador da minha miseria ! ?... (pensa) E foi da casa d'essa mulher! do quarto d'ella! quasi dos seus braços, que eu vi sair aquelle homem ! um amante ! um padrel... E seria, realmente, o padre Amaro?... E' preciso que eu tenha certeza ! (ruído de passos) Vem alguém... Espreitemos a ver quem sáe ! (desapparece pela E.)

SCENA V

AMARO só

(*Pela D. com a criança envolvida em una coberta de lan*)
 Vivo ! Vivo ! Infeliz !... (*beija-a com delírio*) Pois eu hei de deixal-o á porta de um cazial ? Abandonal-o ? Perdel-o ? Si os cães o morderem ? Si o frio mata-l-o ? Si o não ouvirem ? Si a criança, quando todo a noite, morrer de sofrimento ?... Pôl-o nos campos ! na humidade da herva !... Abandonalo ? Abandonar meu filho ! ?... Não ! Não !... Mas o que fazer ?... Não posso leval-o para a cidade, e dizer claramente : Aqui está, é meu filho !... E a criança ha de crescer maldizendo da memoria de quem lhe recusou o nome de pai ! mas não maldirá da lei que o opprimiu !... Vamos ! E' preciso ! Esta criança não pôde continuar nos meus braços ! — (*invocando*) Christo ! fôste bondoso e amoravel ! No entanto, é em nome da tua Igreja que me obrigam a entregar meu filho á orphandade e á morte ! (*sáe apressado pela E.*)

MUTAÇÃO

SETIMO QUADRO

Paysagem agreste e tenebrosa—Ao F. atravessando toda a largura da scena, a encosta selvagem de uma montanha praticável, que se figura serpeada, na fralda, por uma corrente d'agua—Durante os primeiros momentos a scena está deserta

SCENA UNICA

AMARO, só—depois JOÃO EDUARDO

Amaro apparece na montanha, pela E., espavorido, occultando a criança, como quem foge a uma perseguição—Caminha indeciso—voltando-se e adiantando-se, tomando afinal a deliberação de precipitar-se pela encosta, descendo ao palco—Ouve-se, então, uma voz gritar: «Olá!» Amaro fica a tremer e oculta-se—Mais tarde, a mesma voz, mais perto: «Olá ! Oh, amigo ?» e momentos depois João Eduardo atravessa pelo caminho da montanha, em attitude perseguidora, da E. para a D.

J. EDUARDO—Era elle ! Oh ! Desta vez hei de encontrar-l-o ! Pagará bem cara a minha desgraça ! (*desaparece pela D.*)

AMARO (*tremulo e cauteloso, sáe do escondrijo—A voz continua a fazer-se ouvir, gritando «Olá?...Espere!...Padre Amaro!...» de intervallos a intervallos.*) Persegue-me, o mal-dito! E' preciso fugir!...Mas o que fazer d'esta criatura? (*A voz vai se perdendo—Amaro presta-lhe atenção*) Perdeu-me! Ah! Estou salvo! (*examinando a criança*) Vive ainda! (*subitamente*) Si eu a matasse?... Matal-a! aqui! Quem poderia suspeitar?... E' o recurso, para pôr termo aos sustos e aos perigos! ás denunciações e ás angustias!... Esta criança veio para accusar-me! para matar-me á fome! (*Sempre receioso, examina os recantos do sitio*) Ninguém!... O escrevente seguiu caminho errado!—E' preciso tomar uma resolução!... (*Põe no chão a criança, abre a manta em que a trazia e, sempre medroso, vai buscar uma pedra; levanta os braços e deixa-a cair sobre o recem-nascido; imediatamente enrouxa tudo, agarra convulsamente o embrulho, e sóbe com elle pela encosta da montanha; debruça-se, voltado de costas para a D. e atira o fardo para a scena, no lugar onde suppõe-se existir agua—Ouve-se o ruido—João Eduardo apparece á D. na montanha, e detém-se, com uma pistola apontada para o padre, que continua a escutar, debruçado, a bulha d'agua.*)

AMARO (*gargalhada de alegria bestial*) Ah! ah! ah! Morreu—sepultou-se! (*João Eduardo dispara—Amaro, mortalmente ferido, solta um grito lacerante e rola pela encosta da montanha, caindo no mesmo lugar onde afogou a criança*)

J. EDUARDO (*arremessando fóra a pistola*) Livrei o mundo de um criminoso!

PANNO

EPILOGO

OITAVO QUADRO

A mesma decoração do 6º Quadro.

SCENA I

O CONEGO, PADRE NATARIO, PADRE BRITO,
O LIBANINHO, conversam, n'um grupo ; ESGUELHAS
sentado a um canto, cabixbaixo

CONEGO — Apenas 23 annos !

NATARIO — Mas, de repente ?

BRITO — De repente ? A San Joanneira, ha muito que no-
tava os soffrimentos da filha...

NATARIO — Bem ; mas assegurava-se que era doença
nervosa...

CONEGO — Morreu de um aneurisma...

LIBANINHO — Coitadinha ! Tanto que o medico recom-
inendava que cazasse... e afinal veio a morrer solteira !...

ESGUELHAS (*aparte*) Solteira ! E' verdade ! Solteira !...

LIBANINHO — E a San Joanneira já sabe ?

CONEGO — Mandei-lhe dizer. Bem vê, sempre é mãe...
Isto é : não lhe disse que a pequena tinha morrido... Es-
crevi-lhe, apenas : « A Ameliasinha tem peiorado. Acho con-
veniente que venha vel-a.

LIBANINHO — Deus a leve para bom lugar.

TODOS — *Amen!*

CONEGO — Cuidados teve ella. A mana Josepha portou-
se muito bem, durante a doença e depois da morte. Hou-
tem, á noite, tão depressa soube que a pequena estava
a expirar, ergueu-se, doente mesmo, foi rezar junto da
afilhada, e é ella quem está dando as ordens para o en-
terro.

BRITO — Admira que o Amaro, tão amigo da familia, não
tenha apparecido.

CONEGO — O Amaro pediu licença ao Snr. chantre, e
seguiu para Lisbôa.

LIBANINHO — Para Lisbôa ! ?

CONEGO — Sim, recebeu participação da morte de uma
irmã...

NATARIO — Pois, elle tem familia em Lisbôa ?...

BRITO — Nunca nos disse...

LIBANINHO — E' verdade, elle dizia sempre que era
orphão e só.

CONEGO — Sim... mas... Homem... eu, a fallar a verdade...
não sei... Elle foi para Lisbôa...

ESGUELHAS (*aparte — erguendo-se*) Fugiu do remorso !
(sáe pela D.)

SCENA II

OS MESMOS, menos o TIO ESGUELHAS

CONEGO — Ora, imaginem vocês como vai ficar a San Joanneira, quando encontrar a filha morta !...

LIBANINHO — Ella ! que a estimava tanto !

BRITO — E o tal rapaz saberá ?

LIBANINHO — Parece-me que —sim— Encontrei-o, hoje, pela madrugada, cabixbaixo, a olhar para a casa da San Joanneira, na rua da Misericordia...

CONEGO — Talvez que, si a Ameliasinha cazasse com elle, não tivesse a morte tão cedo !...

NATARIO — Ora, adeus ! Havia de morrer da mesma maneira.

CONEGO — Eu sei por que fallo...

BRITO — Um aneurisma tanto a podia matar solteira como cazada.

CONEGO (*aparte*) Si fôsse, realmente, um aneurisma !...

BRITO (*idem*) Parece-me que por aqui ha mysterio !...

CONEGO (*saindo a conversar com os outros*) Esta madrugada, diz a mana Josepha, a rapariga começou a fallar alto, a delirar ; de repente levou as mãos á cabeça, arrepellou-se, deitou jactos de sangue... Teve uma vertigem, e entregou a alma ao Senhor !... (*desapparecem pela D. conversando. — A scena fica vasia por momentos — Surdina até o final.*)

SCENA FINAL

JOÃO EDUARDO, depois S. JOANNEIRA, mais tarde
JOSEPHA, MARIA, JOAQUINA, O CONEGO,
O LIBANINHO, PADRE BRITO, ESGUELHAS, PADRE
NATARIO — e AMELIA, morta

J. EDUARDO (*pela E, desvairado*) Este silencio!... Este cheiro de alcatrão queimado!... (*subitamente*) Amelia morreu! (*tranquilisa:ido-se*) Não. Havia de ser a irman do Conego, que aqui estava doente !... Sim. Foi ella que expirou, de certo... Pobre creatura ! (*silencio — dando alguns passos timidos*) Si eu encontrasse Amelia ?... Si algum criado perguntasse-me o que quero ?... (*o reposteiro do F. move-se — João Eduardo recia aterrorizado*) Um esquife ! Não me engano ! Alguem morreu, n'esta casa ! (*espreita de longe.*)

S. JOANNEIRA (*pela E, encontrando-se de frente com João Eduardo*) O senhor, aqui ! Veio vel-a ?

J. EDUARDO (*perturbado*) Minha senhora, eu não sei mesmo o que faço... Sinto um presentimento medonho !... Vejo alli um esquife armado !...

S. JOANNEIRA — Um esquife ! Deus ! Deus ! E' minha filha !...

J. EDUARDO — Amelia ! morta !? Ah ! (*pranto vehemente — completamente desvairado, corre o reposteiro — vé-se a alcova com todos os apparatus funebres — Os outros personagens aparecem — As mulheres amparam a S. Joanneira, que desmaiia, ao ver a filha morta — João Eduardo precipita-se sobre o esquife, beija febrilmente o cadáver*) E' a primeira e a ultima vez que a beijo ! (*Deixa-se cair do esquife em estado de completa loucura — Erguendo-se, visionário*) Amo-te, ainda !... Não me amas ?... Amas o padre Amaro ?... (*sensação dos padres*) Amaro ?... Amaro ?... Onde está ?... Quero velo !... Quero... (*avança sobre o grupo de padres, que o detêm.*)

ESGUELHAS (*comigo mesmo*) Senhor ! Senhor ! Quantas desgraças, em nome de uma religião tão santa ! !...

—*Grupos*—

PANNO LENTAMENTE

FIM

WIDENER



HN S2YT 4

OBSERVAÇÕES

do cuidado que presidiu á publicação deste livro, iacha elle escoimado de alguns senões que, com quanto não o prejudiquem noconjuncto, viciam-o em parte.

Salvo uma ou outra' prodigalidade descuidada da pontuação,—uma ou outra troca de letra, a que vulgarmente se chama *pastel*: as faltas que se encontram na edição deste trabalho são de importancia tão somenos que julgo ocioso apontar, confiando no criterio do leitor para corrigil-as.

O Autor

